



ANAIIS DA JORNADA

“A ESCRITA DE CASOS CLÍNICOS”

TYKHE

2016

ANAIS DA JORNADA

“A ESCRITA DE CASOS CLÍNICOS”

Comissão de Publicação

DANIEL MONDONI

DEBORAH STEINBERG

JOSIANY SALLES DA SILVA

RITA DE CÁSSIA SEGANTINI BONANÇA

Secretaria Editorial

MARLI APARECIDA DE SOUZA ALVES DE OLIVEIRA

TYKHE ASSOCIAÇÃO DE PSICANÁLISE

Rua Padre Almeida, 515 - sala 42- Cambuí

13025-251 – Campinas/SP, Brasil

Fone: 55 (19) 3253-1945

Home page: <http://www.tykhepsicanalise.com/>

E-mail: tykhepsicanalise@gmail.com

TYKHE

2016

Sumário

Apresentação - Jornada “A escrita de casos clínicos”	06
--	----

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

Mesa 1

A escrita de um caso clínico: Caso Sofia	08
--	----

GABRIELA FINAZZI DE CARVALHO

Mesa 2

“Freud enovelado”	14
-------------------	----

LUÍS AMÉRICO VALADÃO QUEIROZ

O quê se herda na escrita de caso	26
-----------------------------------	----

VERA LUCIA COLUCCI

Respingos de “Chuva Oblíqua” de Fernando Pessoa em “Papel de Parede” de Horácio Costa	36
---	----

VIVIAN STEINBERG

Mesa 3

Adolescência, escrita, passagem	50
---------------------------------	----

GEISON DE ARAÚJO CAMPOS

A escrita do caso Sandor Ferenczi e análise didática em questão	58
---	----

MÁRCIO MARIGUELA

A escrita de caso na clínica psicanalítica com crianças	78
---	----

RITA DE CÁSSIA SEGANTINI BONANÇA

Mesa 4

A função do escrito - uma leitura	86
-----------------------------------	----

DEBORAH STEINBERG

O que se escreve na escrita do caso clínico?	94
--	----

MARTA TOGNI FERREIRA

Apresentação

“A ESCRITA DE CASOS CLÍNICOS”

“Estou cansado de escrever, mas não consigo afastar-me da escritura. Jamais antes de agora me viera em mente anotar os acontecimentos da minha vida. É evidente que quem vive no interior de uma realidade deseja somente vivê-la e que somente da falta nasce o impulso para a escritura”.

(O diário de Drácula, de Marin Mincu)

Neste belo livro encontramos o príncipe Vlad III da Valáquia na mais absoluta solidão. Ele teria sido traído e abandonado por seus aliados políticos e pelo Papa, destituído de seu trono e de seu poder, e amarga sua impotência diante do assassinato cruel de seu pai e de seu irmão. Seus inimigos destruíram seu amado país e subjugaram seu povo, jogando-o num calabouço debaixo do leito do rio Danúbio, completamente isolado da humanidade, tendo por única companhia os ratos que infestam sua cela. Nesse desamparo absoluto, sua única saída para “salvar sua alma” e escapar do esquecimento é escrever um suposto diário, que mistura partes de história, lendas e ficção.

A escrita é uma necessidade para que ele, ao contar, possa se contar entre os homens, o único vestígio de sua precária humanidade.

A solidão do Drácula, como prefere se nomear, não deixa de evocar a solidão do ato do psicanalista.

O analista também está destituído, no instante de seu ato, de seus poderes institucionais, de suas relações sociais, de sua herança familiar, de sua história e de seu senso moral. Seu único poder é o de se colocar na posição de ser descartado ao final do percurso, o objeto que cai.

Essa destituição radical do sujeito na sua divisão, convoca à escrita. Apenas a escrita pode colocar um analista em posição de, ao contar sua clínica, contar-se como “a” na lista daqueles que pagam seu preço.

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

A ESCRITA DE UM CASO CLÍNICO: CASO SOFIA

GABRIELA FINAZZI DE CARVALHO

Tykhe Associação de Psicanálise
Programa Além da rua - Instituto Padre Haroldo, Campinas/SP
gabrielaфинazzi@hotmail.com

A República é um serviço de acolhimento para jovens entre 18 e 21 anos em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social, com vínculos familiares rompidos ou extremamente fragilizados e que não possuam meios para auto sustentação. Tal serviço é particularmente indicado para o acolhimento de jovens em processo de desligamento de serviços de acolhimento para crianças e adolescentes por terem completado a maioridade, porém que ainda não tenham conquistado a autonomia, podendo também ser indicado a outros jovens que necessitem do serviço em caráter de emergência.

Sofia chegou até nós através do encaminhamento de um Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescente (Abrigo) da cidade que assiste jovens até 18 anos incompletos. Trouxe no seu relatório e na sua fala um histórico de negligência, violência física e psicológica por parte da avó materna, que foi quem ficou com sua tutela desde bebê. Foi abandonada pela mãe num porão ao nascer e ao ser encontrada e socorrida pela família materna foi levada a um hospital onde permaneceu internada por um ano pois havia contraído leptospirose, de acordo com seu próprio relato.

A avó materna assumiu os cuidados de Sofia. Quando a menina estava com cerca de 12 anos, não suportando mais morar com a avó devido aos maus tratos recebidos, resolveu procurar por sua mãe e passou a morar com a mesma, o padrasto e mais duas irmãs em outra cidade. Lá ficou por um ano. Sua mãe é uma mulher que fazia programas diariamente deixando as filhas e Sofia com o companheiro todas as noites. Este abusou sexualmente da enteada sistematicamente todos os dias.

Sofia retornou a casa de sua avó materna, que por sua vez continuou sistematicamente a violentar e a negligenciar a mesma por mais alguns anos. Aos 16 anos veio morar com seu pai e companheira em Campinas com quem acabou tendo um relacionamento bastante conflituoso. Sofia recorreu ao Conselho Tutelar e denunciou os maus tratos físicos e psicológicos que vinha sofrendo da parte da companheira do pai. Imediatamente foi encaminhada para um abrigo.

Sofia ficou por um ano acolhida no abrigo Lar Nossos Sonhos. Quando completou 18 anos foi encaminhada para a República sendo a segunda ingressante de um serviço recém inaugurado e co-financiado pela Prefeitura.

Além das marcas psíquicas trazidas, Sofia trazia marcas de cortes pelo corpo, trazia uma vida silenciada pela brutalidade da violência que nesses anos sofreu. Sofia sofria...

Meu contato com ela se deu de forma gradativa. Começou na especulação do quarto que habitava que mantinha sempre sujo, desarrumado, cheio de lixo de comida, um verdadeiro “porão”, passando pelo abandono que tinha com seu corpo, desde a alimentação, até os cuidados básicos como por exemplo não tomar banho por mais de um dia. Não cuidava da casa, deixando a outra moradora alterada com ela, ficando frequentemente exposta a suas agressões e também incitando essas agressões.

O estado de Sofia foi piorando dentro da República. Achamos seringas algumas vezes jogadas pela casa e a medida que fui me aproximando ela pode contar-me que as seringas faziam parte das suas tentativas de suicídio injetando ar nas veias. Procurei a Rede de Saúde para a tratarmos em parceria, fazendo contato com a psicóloga e psiquiatra. Ela foi ao atendimento uma vez e não voltou mais, o que nos obrigou a desligá-la do serviço e encaminhá-la a um abrigo adulto assistido, pois a República não sendo um serviço assistido 24hs a expunha a novos riscos.

Gostaria de fazer um recorte a propósito de dois encontros que tive com Sofia após seu desligamento: o primeiro fui visitá-la após ter combinado com sua dupla, pois havia um pedido de Sofia. Disse que precisava conversar comigo. Cheguei até o Abrigo e fui barrada na porta por não estar avisado da minha ida. O abrigo estava sob a tutela dos monitores e sem ordens

para visitas, que somente aconteceria na presença dos técnicos. Protocolos. Disse que já que eu não podia entrar, que então ela que saísse afinal ela era maior de idade e isso não poderiam barrar. Sofia me encontrou e fizemos brincadeiras com eu ter sido “barrada no baile” e sentamos na sarjeta em frente ao abrigo. Sofia contou-me de mais uma tentativa de suicídio que envolveu o SAMU, a UPA a polícia militar. Neste caso ficou a procurar pela cidade estilete e ao passar o estilete no braço alguém na rua a viu, chamou a polícia e aquilo se traduziu para ela como “um caso de polícia”. O Policial diz: “Passa o estilete!” Sofia sentiu aquilo como se tivesse cometido uma transgressão. Rimos! Disse a ela: Que bafão! Rimos novamente!

Enquanto continuamos nossa conversa na sarjeta estacionou ao lado de onde estávamos o Coordenador e os técnicos que acabavam de chegar de um evento. Antes mesmo que o carro parasse, ele colocou a cabeça para fora e perguntou para mim: “- O que faz aí?” Respondi: “Tô na sarjeta!” “Não me deixaram entrar”... O coordenador do abrigo se desculpou várias vezes, tentou achar um culpado para tal feito. Não aliviei para ele. Disse que achei estranho ser barrada, mas que agora já estava conversando com a Sofia e em breve iria, pois já tínhamos conversado o que precisávamos.

O segundo encontro se deu perto do tempo de acabar sua estada no abrigo adulto assistido, a dupla social nos convocou para uma última reunião a pedido de Sofia, pois a mesma estava voltando para Santa Catarina para a casa de sua avó materna e queria se despedir da equipe da República.

A conversa começou de forma mais protocolar a propósito dos encaminhamentos feitos pelo Abrigo, o contato com a avó, e o seu PDU (Plano de Desenvolvimento do Usuário) e inclusive na forma que Sofia se apresentava perante as equipes. A equipe da República questionou-a se era isso mesmo que ela queria e se gostaria de falar alguma coisa. Sofia disse que naquele momento teria coisas que nós não entenderíamos. Prosseguimos na “ladainha” superficial da sua despedida. Antes de finalizarmos o encontro, Sofia pediu para ter uma conversa comigo por 20 minutos.

Acolhi de imediato sua proposta e descemos juntas. Assim que pisamos fora da República, ela me disse: “Então mano... preciso te contar uma coisa. Fiz aquilo de novo.” Demorou em eu entender do que afinal estava ela falando, mas assim que pude compreender, tive a mesma reação que tivera

da última vez... Respondi: “Ah, você tá de brincadeira... que bafão!” E Sofia ria, e eu apesar de incomodada de mais uma vez rir de sua atuação, não me contive e disse, : “Caramba! O que rolou dessa vez?”

Sofia foi a um encontro de mulheres na igreja Bola de Neve, igreja essa que vinha frequentando desde o tempo que estive na República, subiu na parte mais alta da igreja e ameaçou se jogar. Sua líder subiu muito rápido em sua direção, começou a conversar com ela tentando demovê-la de tal ação. Contou isso para mim e rimos e mais uma vez disse a ela: “_Que bafão! Que mico!” Contou-me que o pior da estória não foi isso após esse dia sonhou quatro noites seguidas que se matava e não morria. Dava tiros certos e quando acordava, estava viva. (Falou tudo isso rindo o tempo todo)

Pensei novamente no meu incômodo de parecer não levar a sério o seu relato suicida e disse que ela não prestava nem para morrer. Depois de rirmos bastante, fiquei séria e disse: “Você não quer morrer! Mas precisa enfrentar seu fantasma! Fantasma já está morto! Só precisa ser enfrentado! Vá lá para Santa Catarina, local onde mora sua avó, enfrentar seu fantasma e vamos conversando!” Sofia abriu um sorriso e disse: “Eu precisava vir falar com você!”.

Desses pequenos recortes que fiz ocorreu-me falar de alguns aspectos que estão em jogo nesse caso. Por um lado, aquilo que insiste naquilo que desiste de Sofia. Por outro, a questão que toca o ponto de desistência ou de insistência dentro de um serviço. Se, por um lado, tem-se algo em Sofia que não cessa de se inscrever e que a faz insistir naquilo que faz desistência. Por outro, tem algo que precisa da desistência do serviço para poder operar de forma analítica. Desistir do protocolar, desistir muitas vezes de querer insistir em sistematizar o formato de atendimento e ter ali uma prontidão para ouvir, se interessar sem se horrorizar.

Ultrapassar a barreira da visita, ir com Sofia para a sarjeta, tirá-la da sarjeta, acatar o universo do seu linguajar, ousar nas brincadeiras são cenas recolhidas somente após a escrita do caso o que me fez pensar que talvez não fosse possível se eu não tivesse anteparada por uma equipe que faz sua aposta nessa prontidão.

Freud já deixa entrever uma relação da psicanálise com a ética quando sublinha o modo como o analista responde à demanda de um paciente. Ele diz que “o caminho que o analista deve seguir (...) é um caminho para o qual não existem modelos na vida real” (Freud, 1915/1996c, p. 183). Isso indica que ele não propõe um caminho único e necessário, mas algo que se descobre em cada caso.

O analista sustenta sua resposta suspendendo o juízo moral diante da fala do analisando. Desse modo, pode-se entrar em cena o que conta como responsabilidade do próprio sujeito por suas paixões. Miller (1996) sugere que a técnica fundamental da psicanálise comporta essa suspensão. Diz ainda que “na psicanálise, uma interpretação é uma questão de ética” (Miller, 1996, p. 109).

Referências Bibliográficas

POLI, Maria Cristina. Clínica da Exclusão e construção do fantasma e o sujeito adolescente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

LACAN Jacques. Livro VII: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 1988.

BISPO, Fábio Santos; COUTO, Luis Flávio Silva. Ética da Psicanálise e Modalidades de Gozo: considerações sobre o Seminário 7 e o Seminário 20 de Jacques Lacan. Estudos de Psicologia, 16(2), maio-agosto/2011, 121-129

FREUD ENOVELADO

LUÍS AMÉRICO VALADÃO QUEIROZ

Tykhe Associação de Psicanálise
lavqueiroz@yahoo.com.br

Antes de me lançar à leitura do que aqui jaz escrito, quero deixar transparecer aquilo que lhe fará fundo e cortará de ponta a ponta essa sequência de planos, que vai do relato de caso à escrita de caso.

É que esse lugar de fundo nos oferecerá uma perspectiva, nos abrirá um campo. Portanto, antes de deixar cair as amarras e manejar o vocabulário, trato de localizar um lugar a partir do qual as coisas se coordenam. Aconteceu-me de pegá-lo de relance na leitura de um texto, de cujo recado nos serviremos. Ele diz da relevância de articular a teoria, na psicanálise, a partir da experiência, no que ela faz de si um acontecimento para um sujeito. Ou melhor, trata-se de incluir a experiência como um elemento que decide sobre a elaboração e o tratamento a ser dado às questões fundamentais da psicanálise, uma vez que estas colocam-se a partir do compromisso com a transmissão e a circulação da psicanálise. O que se procura com isso é introduzir nos laços entre ‘nosoutros’ uma implicação do sujeito, imprimindo em cada qual traços da verdade, que não fiquem esquecidos, por trás do que se diz, naquilo que se escreve. Esse lugar de fundo se desdobra em lugar de fundamento.

Quero insistir para o fato que toda elaboração e pesquisa em psicanálise é marcada por um estilo que não se reduz às demais pesquisas objetivas ou mesmo objetivantes do método científico. Isso, Freud nos atesta de saída, já em suas primeiras publicações, muito embora nunca deixasse de zelar pelo rigor de suas construções teóricas e as fizesse passar pelo crivo maior da razão. É com algum embaraço que ele nos afirma, nos ‘Estudos sobre a Histeria’ (FREUD [1893] 1996), quando trata do caso Elisabeth von R., que seus relatos de caso eram lidos como novelas:

Como outros neuropatologistas fui preparado para empregar diagnósticos locais e eletro-prognósticos, e ainda me causa estranheza que os relatos de caso que escrevo pareçam novelas e que – como se poderia dizer – lhes falte a marca de seriedade da ciência. Tenho de consolar-me com a reflexão de que a natureza do assunto é evidentemente a responsável por isso e não qualquer preferência minha (p. 183).

O que há na ‘natureza desse assunto’, que imprime uma marca literária aos relatos de caso de Freud? Seja o que for, isso constitui uma forma particular de se fazer constar – ele, o autor – no caso. Aliás, já se observou quanto a essa questão, a complexidade dos planos enunciativos que o autor ocupa em seus relatos de caso em relação ao seu próprio discurso: sujeito da enunciação, sujeito do enunciado, autor, narrador, personagem. A ficção permite uma pluralidade de planos enunciativos e, nesse sentido, permanece fiel ao processo da análise, aos acontecimentos de cada sessão. Érik Porge (2009) comenta essa forma de narrar de Freud:

Ele faz uma triagem do material, reordena sua disposição e cronologia, quer dizer, procede às deformações que restituem a temporalidade do desvelamento da verdade. A verdade não vem à superfície a não ser no universo da ficção e subtrai-se ao expediente do registro puramente cronológico da história de vida (p.26).

E assim, vinte anos irão se passar entre os primeiros casos dos *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, op. cit.), e seu último grande relato de caso publicado (1918), o *Homem dos Lobos* (FREUD [1918] 2010), quando encontraremos Freud, ainda, enovelado. Neste caso clínico, o relato de tratamento, as questões que envolvem o seu manejo, da técnica psicanalítica propriamente dita, não é o relato de como o psicanalista aplicou sua técnica, de uma maneira mais estrita possível. Não, pelo contrário. O relato do tratamento dado a esse caso nos conta como Freud leu e reconstruiu a história do sujeito, e como ele, Freud, fez para sair dali. A ponto de tudo na narrativa se misturar, se enovelar, história do paciente, história da doença, história do tratamento e, por que não, história do movimento psicanalítico. Cito Freud, no início do segundo capítulo do *Homem dos Lobos*:

Não posso escrever a história do meu paciente em termos puramente históricos nem puramente pragmáticos. Não posso oferecer uma história do tratamento nem da doença; vejo-me obrigado a combinar os dois modos de apresentação. Sabe-se que ainda não se achou um meio

de transmitir ao relato da análise, de alguma forma que seja, a convicção que dela resulta (FREUD [1918] 2010, p. 21).

Que resulta, evidentemente, numa convicção para Freud, não para o sujeito, que a todo instante experimenta a divisão, quando tropeça num lapso, espanta-se com um chiste, estranha-se com um sonho, ou padece de um sintoma. A certeza é de Freud. Mas será que teremos tempo para dizer de onde vem essa sua convicção, pela qual ele se assegura e que, no entanto, ainda não vê meios de transmiti-la?

Esse Freud enovelado e convicto – e não se pode esquecer disso quando lemos seus relatos de caso – foi aquele que abria pela primeira vez essa via de experiência. Não há como apagar o fato de que era a primeira vez que se fazia análise. Freud, ao mesmo tempo em que se via numa situação terapêutica, avançava num campo de pesquisa, onde ele era o primeiro. O caráter de seu procedimento era único, por ser inaugural. Lacan ([1953-1954] 1993, p.24), ao comentar sobre a leitura desses relatos de caso, chega a afirmar que o paciente não é para Freud senão uma espécie de apoio, de questão, de controle de caso, em cuja via ele avançava solitário.

O campo aberto, o seu domínio, é o da verdade do sujeito, desse estranho sujeitinho, o do inconsciente. Ou mais, trata-se da realização da verdade do sujeito. Mais ainda, de recolher os efeitos da verdade no que o sujeito diz. Uma vez que, “não existe verdade que ao passar pela consciência, não minta” (LACAN [1976] 2003, p. 567). A verdade é uma fingidora, e finge tão completamente!

Bem, eu, mesmo mentindo, devo argumentar sempre a favor de ressoar a questão: o que fazemos quando fazemos análise?

Se é preciso ler os atos e ratos do sujeito, sobre o que ele vem nos dizer em sessão – sobre os ossos dos nossos ouvidos -, mais ou menos implicado com o que lhe acontece no tediário da vida, é mesmo porque sua própria fala dali do divã, já não mais se confunde com um comum registro dos fatos antecedentes. Antes, ela se realiza como invocação. Já se estrutura na forma de demanda dirigida ao Outro, aquele de lá. Demanda de reconhecimento e amor, ou nas palavras de Alain Didier-Weill (1999), que soube captar e melhor nos transmitir esse momento de drama do sujeito: “Eu te

pergunto o que tu desejas, eu te pergunto o que eu sou” (p.13). Espécie de frase-valise, uma embutida na outra. Respondendo àquela, a segunda me viria de embrulho. Demanda dupla, pois. Mas, sobretudo, absoluta, por fazer exigência ao Outro, implicá-lo, de que se manifeste ali, naquele instante mesmo. Se o sujeito está nessa posição em relação ao Outro, é porque lhe conferiu o poder de satisfazê-lo por completo. Satisfazê-lo de quê? Da dúvida radical em que ele se encontra, em que ele se desencontra, quanto à indeterminação de sua existência.

Que posição é essa conferida ao suposto analista? Se ele responde daí do alto do salto, ele simplesmente não mais que corresponde. Sua disposição em cair desse lugar é capaz de produzir um tipo singular de laço, à espera de uma escrita para que possamos lê-la. Pois só há leitura do que está escrito, não? Talvez não. Para que a fala, o nhenhênhem, se torne leitura de uma escrita, fala pautada, não seria preciso que houvesse algo que persistisse como aquilo que não se escreveu e, por consequência, não se deu a ler por completo? Caso contrário, se tudo que disséssemos fosse legível, ler para quê?

O que será leitura para um psicanalista, implicado desde Freud, que recomendava tomar o sonho como um texto a ser lido? Bem, o jogo é jogado e o sonho é narrado. O que ouvimos do que foi sonhado, é dito, são palavras, primeiramente, destituídas do seu significado corrente, que acorrenta e prende. Desacorrentada a palavra, cria-se uma fenda imediata entre o que o analisando acaba de dizer e o que ela quer. A palavra suspende-se para o não-sentido. A leitura de um sonho passa a ser, então, operação de deciframento, e a abordagem do inconsciente uma prática de leitura. Acontece, como já apontei, que tal leitura não está ligada a qualquer forma de saber estabelecido, de correspondência entre um significante e seu significado pressuposto.

Isso vale para os sonhos, isso vale para os lapsos da fala, que é precisamente um momento em que não é o que queremos dizer e, no entanto, o que não queríamos dizer se infiltrou intruso na fala, se impôs, falou e disse. Surge sem jeito o sujeito, anunciado por aquele equívoco, com aquele equivocábulo.

Vou no caminho
Que é meu vizinho
Porque não sou
Quem aqui estou

(PESSOA [1934] 1986, p. 581).

Longe de si, exilado de ser, voz de ninguém, o sujeito não fala – ele é falado por um Outro, estranho.

Então, é no instante de um lapso – nesse lapso de tempo – quando a fala derrapa na curva perigosa do não-senso, asseguramo-nos que estamos no inconsciente, essa terra estrangeira. Nesse momento, a fala estanca. E ecoa. Ocasão oportuna de fazer nota de que algo do que o analisando disse pode ser ouvido e lido de outra maneira. Essa leitura outra conta com algo a mais, por se dirigir a uma referência, à palavra escrita, à escrita da palavra, cujos diversos significados podem ser atribuídos às mesmas letras e seus agrupamentos.

Portanto, o deciframento se dá mediante uma amarração da palavra falada à palavra escrita. Digamos que seja uma amarração literal entre fala, escrita e leitura. Operação que não se dá, aliás, sem a implicação do sujeito, em empenhar algo de si ao responder aos enigmas e questões que o próprio texto inconsciente lhe coloca.

Pois bem, se como havíamos dito, nas palavras de Didier-Weil, que o discurso do analisando se constitui endereçado ao analista, é feito para interessá-lo; diremos agora que o analista faz parte do caso do analisando, uma vez que ele mesmo – o analista – faz parte do conceito de inconsciente, na medida em que se constitui como destinatário. É o que afirma Lacan em *‘Posição do Inconsciente’* ([1964] 1998 p. 848). Para uma primeira aproximação dessa sentença, o melhor é ser o mais óbvio possível. O sintoma, no sentido mais próximo do seu termo médico, inclusive no sentido mais veterinário até – sim, há cães hipertensos, cardíacos – é propriedade indissociável de um corpo. Ele está lá, alojado e não está nem aí com quem sabe vê-lo, com quem quiser ouvi-lo, ou puder palpá-lo. Consistente, segue

os trilhos de sua história natural. O pesquisador se arma, decodifica-o em signo e o constata; é uma evidência, se diz.

Os sintomas no campo da psicanálise não são outra coisa senão as formações inconscientes que se produzem na corrente de uma fala, que tenta passar algo, uma mensagem, um dizer que irrompe no dito. Ali mesmo onde o sujeito não vê razão, nem sequer se reconhece, tampouco escuta o que foi dito. Portanto, quando a fala mais ‘trumbica’ do que comunica, mesmo assim, diante desses fenômenos negativos, Freud lhes concede um sentido, reconhece uma “mensagem como discurso interrompido e que insiste” em fazer passar um certo dizer (LACAN, ([1954-1955] 1992, pp 161-163). Um querer dizer para alguém, cuja realização plena encontra-se na condição de alcançar o seu destinatário – o bom ouvinte – que por sua vez, invertendo o remetente, reenvia aquela mensagem acusando o recebimento; só então, uma formação inconsciente se apresenta em sua dimensão plena, passa a ser voz desafinada de um sujeito, ninguém determinado, que diz o que não sabe. O sujeito do inconsciente, por suposto, não é um eu profundo, um verdadeiro e derradeiro eu. É intervalar, na boa expressão de alguns.

Eu não sou eu, nem sou o outro

Sou qualquer coisa de intermédio:

Pilar da ponte de tédio

Que vai de mim para o outro

(SÁ-CARNEIRO, [1914] 1995)

Lacan fala em pelo menos dois lugares em imissão dos sujeitos – na lição XIII de 09 de março de 1955, do Seminário 2, nomeada ‘O sonho da injeção de Irma’ (1954-1955, op. cit., p. 204), e na conferência proferida em Baltimore, intitulada *‘Of structure as an immixing of an otherness prerequisite to any subject whatever’* (PEUSNER, 2002). Imiscuídos, misturados, a partir de quando algo surge, ou se produz do inconsciente; e que não é íntimo a ninguém, mas que não é estranho ao estranho que sou. Não podendo ser confundido com nenhuma instância objetivável, com nenhum ser humano, o sujeito é o assunto, é o que se pensa. É o que, por exemplo, nos testemunham “os sempre surpreendentes efeitos de uma supervisão clínica,

em que o analista, após ter falado de um caso, ouve do analisando às vezes literalmente o que ele articulou na supervisão” (PORGE, 2006, p.3). O que quero dizer é que o sujeito só começa a ser constituído como sujeito da fala, a partir do momento em que um dizer for escutado, não esquecido. É só a partir desse acontecimento. Não há antes.

E quando o sujeito se dirige a um psicanalista, ele recorre a um sujeito suposto saber. A invocação a esse mestre é o apelo por reencontrar sentido no que se apresentou de repente, não mais que de repente, como não-senso na sua vida, um não-convidado e, mais ainda, um estraga-prazer. É uma demanda de restabelecimento de sentido, de esclarecimento, de compreensão, de uma boa tradução; enfim, de uma correspondência “tudo métrica e rima e nunca dor”, nas palavras do poeta-cantor. Eis um dos eixos da psicanálise, o da alienação, do regime fechado da significação. Mas há uma outra dimensão inteiramente diversa, que é a do lapso, do chiste, da poesia; e que bem pode ensinar ao psicanalista como cair, respondendo de um outro lugar, não daquele de cartas marcadas.

Uma vez que o psicanalista esteja implicado em sustentar a presença de um sujeito, também ele deverá “experimentalizar-se sujeitado à fenda do significante” (LACAN [1964] 1998, p. 848). A prova do reconhecimento de um dizer do sujeito, isto é, quando o Outro é capaz de reconhecer uma verdade presente na fala do sujeito, essa verdade passa a ser não mais somente do sujeito, uma vez que ela implica o Outro, pois, é na medida em que o Outro admite essa fala como verdade que ele, Outro, se divide. E como se divide? Por diferentes modos: ele se divide respondendo, se divide contrariando, amando e mesmo recusando a verdade que vem do sujeito. Sujeitado e dividido pelo significante, a clínica do psicanalista se abre para aquilo que Lacan nomeia “efeito de sentido”, na aula de 15 de março de 1977 do *Seminário 24* que não é o mesmo que significação, mas sim acréscimo de sentido, um a mais, produzido pela entrada em cena da materialidade sonora e literal da fala e do significante. Passa a interessar a Lacan não mais a diferença entre um significante em relação a outro, mas sua potência de equivocação. O efeito de sentido aponta para a impossibilidade de um único e derradeiro sentido e se abre para o mal-entendido do duplo sentido. O que um chiste produz e que se manifesta pelo riso, é

um efeito de furo em qualquer saber. O efeito de sentido vale pelo o que ele causa, não pelo que dele se deduz.

E por que isso nos ensina à clínica do psicanalista? Porque esse efeito de sentido e de furo que há no lapso, no chiste e na poesia tem a ver com a colocação em exercício, em circulação, uma demanda que, ao não encontrar o objeto de satisfação – o sentido único, o significado garantidor – relança-se e insiste no seu retorno à busca daquela realização, ainda uma vez mais. Esse elemento, que faz operar o corte na correspondência daquilo que é visado pelo sujeito, não poderíamos chamá-lo de desejo do psicanalista? Que aparece justamente por intervenções que sustentam a dimensão de um “x da questão” fora de sentido, de um enigma, um silêncio, graças ao qual o sujeito possa vir a articular sua equivalência ao que ele é e tinha sido, o seu lugar, como objeto no desejo do Outro. É mesmo surpreendente descobrir no *Houaiss* que “estilo” é também antônimo de “confusão”, “imiscção”, isto é, da ação de juntar, reunir, misturar, imiscuir, alienar-se. Estilo é corte, separação. A etimologia de “escrita” refere-se à palavra latina *scribere*, que significa marcar com o estilo, ferro pontudo utilizado para sulcar uma superfície. Seu diminutivo é estilete.

Por fim, “não podemos deixar de incluir nosso discurso sobre o inconsciente na própria tese que o enuncia” (LACAN [1964] 1998, p. 848). Ou seja, quero dizer que os conceitos em psicanálise são isomorfos ao sintoma. A presença do inconsciente em todo discurso, por se situar no lugar do Outro, deve ser buscada e localizada na sua enunciação. Os conceitos em psicanálise guardam sua força de metáfora, e seus limites de transmissão. Caso contrário, não haveria tanta polêmica e tanto rigor nas tentativas de tradução de Freud. São termos da língua alemã, que guardam em si camadas e camadas polissêmicas. Portanto, há um impossível de transmitir, impossível de ser lido, pois não se lê o impossível. Lê-se, lemos e não entendemos, sim, com o impossível. Logo, isso que é transmitido, reivindica um modo de transmissão que não falsifique o próprio objeto que lhe concerne transmitir. Nesta perspectiva, o elemento clínico recortado e formulado só se realiza como tal, na medida em que cumpre sua transmissão para alguns outros. É o que nos diz Érik Porge: “(...) o fato clínico é como o *dito espírituoso*, que não se cumpre senão ao ser transmitido, pois é no Outro, a famosa *dritte*

Person nomeada por Freud, que ela se realiza. O fato clínico se sustenta numa estrutura ternária” (Porge, 2006, *op. cit.*, p.4)

Mas não gostaria de levar minha sequência argumentativa para um ponto tal que a deixaria vulnerável a um passo em falso, cujo fim do caminho, para este que vos escreve, haveria de ser o fim da picada. Uma vez que poderíamos nos encontrar com a, também falsa, conclusão, a qual nos diria que estávamos lidando o tempo todo com o caso Freud em suas cinco psicanálises.

Freud constrói uma teoria, articula conceitos e extrai um saber. E de uma tal maneira, que aquilo que se ergue não se fecha em dogmas, nem fossiliza. Suas construções estão sempre abertas a novas revisões e rearranjos. Podemos dizer, inclusive, que essa é a primeiríssima lição de Lacan, logo na abertura de seu *Seminário 1* ([1953-1954] 1993, p. 9), no primeiro minuto de sua fala.

Então, se a verdade de um texto é sempre literal e ele nos fala através do que é considerado “menos verdadeiro em essência pelo sujeito, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo nonsense do mais grotesco trocadilho (...)” (LACAN [1955], 1998, p. 411); isto é, subvertendo a ideia de verdade concebida como adequação do espírito à coisa, da linguagem à realidade. Devemos, portanto, pelo menos em parte, ler o texto freudiano não somente como um texto analítico, mas analiticamente, segundo a própria lógica descrita por Freud como sendo a do inconsciente.

Tal leitura, diríamos com Freud, “seria bela, se fosse tudo”. Aliás, ofereço ao leitor a procedência dessa enunciação. Encontra-se no seu relato de caso do *Homem dos Lobos* (Freud [1918] 2010, *op. cit.*, p. 134), em meio ao embate aí encampado e dirigido contra as teses de Jung. É com essa frase no início de sua sentença argumentativa, que ele desfere seu tiro de misericórdia. Freud investiga a coisa não só como fragmento de verdade; é também um detalhista.

Eis como descreve seu método de leitura na “Interpretação dos Sonhos” (FREUD [1900] 1996):

A essência do método de decifração reside (...) no fato do trabalho de interpretação não ser aplicado ao sonho como um todo, mas a cada parcela independente do conteúdo do sonho,

como se o sonho fosse um conglomerado geológico em que cada fragmento de rocha exigisse uma análise isolada (p.134).

E acrescenta, poucas páginas adiante: “Assim, o método de interpretação dos sonhos que pratico emprega a interpretação *en détail* e não *en masse*” (FREUD [1900] 1996, *op. cit.*, p. 138). Ou seja, a verdade da história do sujeito retorna em fragmentos, ou disfarçada nos pequenos detalhes do discurso do sujeito, a partir das quais Freud constrói um saber no curso de sua elaboração clínica, a decifrar os efeitos de verdade interpretados só-depois. Qualquer elemento, um pormenor que seja, exige uma consideração tal, que lhe é exigida o estabelecimento necessário de nexos com todos os demais elementos daquela particular história de vida. Ai de apenas um único elemento, dentre outros, escape ao deciframento, para que a própria seja colocada em xeque. O mesmo procedimento vale para a leitura do texto freudiano, na condição de fazê-la obedecer a um sentido literal, mas às articulações e consistências do próprio texto.

É conhecida a retórica freudiana: o autor dirige-se a um interlocutor imparcial, se não persuadido das premissas psicanalíticas, mas que ao menos cultiva uma razão, mesmo que cética. Entretanto, o relato de caso do *Homem dos Lobos* traz uma variante, porquanto vemos Freud se endereçar a um outro público:

*“(...) análises como esta não são publicadas para despertar convicção nos que até agora exibiram descaso ou descrença. Esperamos apenas transmitir algo de novo aos pesquisadores que já adquiriram convicções por experiência própria com os doentes” (FREUD [1918] 2010, *op. cit.*, p.21).*

Está explícito que Freud deseja com essa comunicação transmitir um novo saber extraído daquela análise. Pois seu intuito, nesse caso, não é mais persuadir o interlocutor cético definitivamente descrente do inconsciente, e sim combater aqueles já afeitos ao inconsciente que o admitem, o reconhecem e não questionam a técnica e seus resultados; e que, no entanto, sentem-se autorizados, diz Freud, “a extrair outras conclusões do mesmo material e submetê-lo a outras concepções (...)”. Tão logo começamos a nos afastar do material de que nos devemos nutrir, corremos o risco de nos embriar com as nossas afirmações (...)” (FREUD [1918] 2010, *idem*, p.66). É por

conta das reinterpretações e conclusões de Jung e Adler que Freud produz esse chamado aos discípulos analistas. Escrito em 1914, ainda não havia para Freud Narcisismo e sua mais completa ideia de Repetição. Os impasses do edifício teórico que Freud construiu e levou até o fim, se favoreciam o ensino de novas interpretações discrepantes, também propiciavam-lhe a oportunidade de apurar, reduzir e distinguir dos demais, o que era o inconsciente freudiano.

Estamos, então, num campo que é, agora, o da construção e da verificação de um saber teórico, cuja prova de garantia é poder ser articulado e transmitido por conceitos. Todo esforço de Freud diante do paciente é extrair, daqueles encontros diários, um caso. Não somente por sacar dali uma narrativa, mas sobretudo por reduzir aquela experiência falante, a qual as associações vão se apurando, até chegarmos a um extrato, resultado de um percurso de redução – caro ao procedimento da ciência. Escrito em fórmula mínima, tal extrato opera como enunciado: “sonhar é também recordar” ([1918] 2010, *op. cit.*, p. 71), diz Freud em meio à sua construção cifrada do famoso sonho dos lobos. Alguma distância há que se produzir entre a mínima fórmula associativa e a enunciação de Freud, o seu dizer.

Extraio de um escrito de Lacan, *Posição do Inconsciente*, minhas últimas palavras, não sem antes lhes dizer que essa comunicação que aqui jaz encontrasse com o seu extrato, sua fórmula reduzida, sobre o relato e a escrita de caso, mas também se encontra com aquilo que, este que vos escreve, quis pôr à prova:

O estilo justo do relato da experiência não é a totalidade da teoria. Mas é o garante de que os enunciados segundo os quais ela opera preservem em si o distanciamento da enunciação em que se atualizam os efeitos de metáfora e de metonímia, ou seja, de acordo com nossas teses, os próprios mecanismos descritos por Freud como sendo os do inconsciente. (LACAN [1964] 1998, op. cit., p.849).

Referências bibliográficas

- ADIDIER-WEILL, A. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- FREUD, S. ([1893] 1996). “Estudos sobre a histeria”. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. II.
- _____. ([1918] 2010). “História de uma neurose infantil (‘o homem dos lobos’). Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOUAISS, A. “Grande Dicionário da Língua Portuguesa”. Versão online.
- LACAN, J. ([1953-1954] 1993). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. ([1954-1955] 1992). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Versão brasileira de Marie Christine Laznik Penot; com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1976-1977). *O Seminário, livro 24: L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*. Ed. Heresia (para circulação interna). Inédito.
- _____. ([1956] 1998). “A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise”. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. ([1964] 1998). “Posição do inconsciente”. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. ([1976] 2001). “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”. In: *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- PESSOA, F. (1986). *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- PEUSNER, P. “Pertencia del término *immixtion* em la definición del sujeto, tal como se lo entiende em el marco de uma ética del psicoanálisis”. Versão eletrônica em www.apertura-psi.org/Textos/apertura/concepto5.doc.
- PORGE, E. (2009). *Transmitir a clínica: Freud, Lacan, hoje*. Tradução de Viviane Veras e Paulo de Souza. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. ([s/d] 2006). “A sessão clínica”. Tradução de Sandra Dias Loguercio. Porto Alegre. Publicação interna da Escola de Psicanálise de Campinas.

O QUÊ SE HERDA NA ESCRITA DE CASO¹

VERA LUCIA COLUCCI

PSICANALISTA E MEMBRO DO OUTRARTE – IEL, UNICAMP
vcolucci@lexxa.com.br

1

O título acima remete à pergunta quanto ao quê se herda ao se deixar tomar pela escrita de um caso. Vale dizer que o termo “herda” se enraíza na lembrança da frase de Goethe tão apreciada e repetida por Freud: “*aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu*”². Ou seja, o título aponta para uma herança que não se realiza pela graça: o pedaço de carne é devido.

A pergunta é: qual herança opera a escrita de caso em psicanálise, uma escrita que passa pelo escritor, mas também funciona apesar dele, que é efeito de enlaçamento e também produtora de laço, pois que aí se inclui necessariamente o leitor/ ouvinte. Trata-se sempre de marcar o desejo de Freud na invenção da psicanálise, que, se por um lado faz elo entre o privado e o público, também o faz entre inventor/ invenção. Trata-se, então, de refletir sobre o desejo que preside a transmissão da psicanálise, que segundo Lacan, é o desejo de Freud. A consistência da psicanálise são os textos de Freud, já sublinhou o psicanalista francês.

O escritor de caso só pode operar com o que ele mesmo pôde apropriar-se da parte da herança que lhe toca, a qual se mostrará apenas por seus restos, no *só depois*. Passar pela psicanálise é deixar-se afetar pela incompletude à qual Freud deu contorno de saber, um saber que não se sabe, é também suportar um funcionamento que, pelo que cobra, quase tem o caráter de

uma herança maldita: tanger a angústia que contorna o irrepresentável, a falta relativa ao objeto *a* causa de desejo.

Sublinho ainda que cada um dos termos do título – escrita, caso e herança – requer exame detido que leve em conta o atravessamento deles pela psicanálise, a qual se funda na afirmação de Lacan sobre o inconsciente: estruturado como uma linguagem. Todavia, o tamanho de tal tarefa ultrapassa em muito os limites desse trabalho, pois o aforismo acima supõe a noção de estrutura, da falta simbólica, da condição de incompletude constitutiva do simbólico que afirma: há o irrepresentável. Trata-se, em resumo, de levar em conta o funcionamento da linguagem e a operação de divisão do sujeito da qual resulta o resto causa de desejo.

Trata-se no presente trabalho de falar da **escrita de caso** tomando o lado daquele que passa pelo escrito. É preciso que haja um encontro que afete para que algo cobre um relato, algo possa ser articulado em uma escrita; falar do desejo do autor, daquele que morre para que o escrito sobrevenha, daquele que se entrega ao traço e sofre a invenção à qual o escrito o conduz. Trata-se do desejo que se realiza e manifesta a posição do sujeito dividido ao tomar essa responsabilidade da escrita de um caso, atravessado pelo impossível que marca toda sujeição à linguagem.

O que interessa aqui é que aquilo que se herda, que é da ordem da estrutura, e se faz escutar na insistência da repetição, transfere-se, faz passagem adiante, apesar do escritor – a letra/*lettre*. O que se herda assim é algo da ordem de um trabalho de Sísifo condenado³, trabalho com a letra que se localiza entre o real e o simbólico, litoral de heterogêneos, que se precipita em escrita.

Devo dizer ainda que foi tocada pelo texto de Guy Le Gaufey (2005) – *The fight Against Psychopathology: Why a case is not Just a Case*⁴ – que me

•1 Texto originado de apresentação realizada em dois eventos contemporâneos: *VII Encontro Outrarte* – outubro de 2015 - Montevideu – Uruguai e também *Jornada da Tykhe Associação de Psicanálise “A Escrita dos Casos Clínicos,”* ocorrida em outubro/2015, Campinas, SP.

2 Referente a *Fausto*, Parte I, cena I, de Goethe, cuja obra foi recorrentemente citada por Freud, sendo que essa passagem específica foi citada em *Totem e tabu* (1913).

3 Essa expressão refere-se ao mito da antiguidade que trata de um esforço de trabalho sempre frassado, pois uma vez realizado, de novo retorna ao princípio, repetindo-se infinitamente, sem levar a nada de útil ou proveitoso. Esse trabalho é também totalmente desprovido de quaisquer opções de desistência ou recusa em fazê-lo. Sísifo, um dos deuses gregos, considerado o primeiro a dominar a escrita, devia eternamente rolar uma grande pedra com as mãos até o cume de uma montanha, sendo que toda vez que ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida, invalidando completamente o duro esforço despendido.

4 <http://www.legaufey.fr/Textes/Attention.html> – 122. *The Fight against Psychopathology: why a Case is not just a Case ?* 12 de fevereiro 2005. Não publicado.

aproximei desse território da escrita da clínica. O autor expõe sua indagação de modo forte ao revelar angustiado e espantado que há quase 30 anos se encontra preso a uma espécie de paradoxo: se de um lado se diz profundamente convencido de que a transmissão da psicanálise passa pelo estudo de casos – ‘precisamos de casos’, diz ele, pois “a psicanálise não é um conhecimento geral que depende só de leis universais” –, por outro lado, Le Gaufey confessa que percorre repetidamente uma curva de decepção diante da apresentação de um caso clínico: começa pelo júbilo de “ótimo, um caso” para um tédio incontornável, do qual às vezes tem vergonha e foge. Muitas vezes, continua o autor, é culpa do falante, mas não o tempo todo. Então, diz, “há um problema muito sério relativo aos casos na transmissão psicanalítica”. Foi esse o laço que me prendeu e que agora compartilho em parte.

2

“Estou morrendo aos bocadinhos, por não ter ninguém com quem conversar sobre os insetos: minha única razão para escrever é retirar da cabeça um fardo pesado, de modo que já deves ir compreendendo que [...] estou escrevendo meramente pelo meu prazer, e não pelo teu.”

Darwin, carta de 12/06/1828⁵

O fragmento de carta acima, escrita por Charles Darwin aos dezenove anos de idade, expõe a intensidade da afecção que o liga a seu objeto de curiosidade. Estranha condição de gozo desse jovem, desde cedo interessado por observar e colecionar espécimes da vida animal, vegetal e mineral. Capturado por seu encantamento, viu-se lançado, forçosamente, ao funcionamento da linguagem, sem que para isso precisasse se dar conta: algo já se operava nele antes mesmo de poder dizê-lo/escrevê-lo.

⁵ Charles Darwin (1809-1882) escreveu a seu primo, Willian Darwin Fox (1805-1880), a carta acima indicada. O gosto por coletar besouros e por observar a natureza era compartilhado com seu primo, o qual foi responsável por apresentar o jovem Darwin a importante professor de botânica e especialista em besouros, dando assim direção precoce a sua curiosidade científica.

Ressalto no pequeno trecho de carta acima a manifestação de uma dor que fazia urgir uma fala que alcançasse alguém, que o acaso encontra em seu primo e interlocutor querido, Willian Fox, o interlocutor necessário. Ele precisava conversar, atravessar a falta imposta pela ausência, pela distância espacial. É a ele que a carta se endereça, companheiro enlaçado pelos mesmos interesses e curiosidade: *“estou escrevendo meramente pelo meu prazer, e não pelo teu”*.

Mas, há outra falta que essa escrita de carta circunda: trata-se mais especialmente da falta forçosa à estrutura da linguagem; uma dor que busca a recomposição imaginária num encontro que suporte a falta simbólica, constitutiva. Limite fronteiro entre falar e escrever que reclama uma mediação que reconstitua a frágil sombra de unidade imaginária. Contar/contar-se a outro/ Outro: – Insetos, apenas insetos? Não, certamente. – *“morrendo aos bocadinhos” / “um fardo pesado”* –, é o que registra a carta. Trata-se do trabalho de dar signo, de representar algo para alguém, mas submetido à operação significante: *“a prática da letra converge com o uso do inconsciente”* escreve Lacan, em 1965, sobre Marguerite Duras.

Com o fragmento biográfico de Darwin pretendo sublinhar algo do vívido que todo trabalho apaixonado e de invenção revela. Mesmo que ele redunde em uma taxilogia. O trabalho de encontro com o real e de nomeação não deixa incólume o sujeito: o escrever passa pelo escrito.

Recorro a outro exemplo, este muito próximo aos psicanalistas: Freud no afã de escrever/construir sua concepção sobre o aparelho psíquico enviou longas e freqüentes cartas a Fliess, seu amigo e interlocutor privilegiado – foram quase 300 cartas em cerca de treze anos de correspondência, com espaçamentos variados. Nelas, Freud fala de tudo: família, amigos comuns, doenças, alegrias e tristezas, e ainda um pouco, bem pouco, de vida política. Mas, sobretudo, Freud fala da atividade que o ocupou a vida inteira, a psicanálise. Foi, especialmente, nesse contexto da invenção desse saber, que a amizade brotou, com uma carta de 24 de novembro 1887, a primeira delas de que temos notícias. Nessa carta Freud diz de seu interesse

em cultivar amizade com o destinatário, ao mesmo tempo em que comenta seu parecer sobre uma paciente que este lhe encaminhara.

Nossa fortuna enquanto herdeiros da psicanálise é que Fliess morava em Berlim, determinando a distância geográfica que motivou as cartas. Fliess, também judeu e médico, e mais ainda, interessado na relação do sexo a períodos da vida, ocupou para Freud o lugar do endereçamento. Não só o óbvio endereçamento das cartas, mas a sustentação de uma suposição necessária ao trabalho de inventar a psicanálise. Freud colocou Fliess nesse lugar de outro/Outro com o quê se operou o trabalho de funcionamento da linguagem na invenção.

Para tratar desse tempo de notações privadas, de rascunhos e cartas, cujo endereçamento devia manter o público anônimo ainda à distância, seleciono, de modo quase aleatório, dois breves trechos de cartas de Freud a Fliess com o intuito de constituir um cenário a partir do qual pretendo desfiar algumas questões relativas à escrita de caso e transmissão. Passemos a eles.

Em carta a Fliess de 12 de junho de 1895⁶, Freud se reserva de mostrar ao amigointerlocutor uma ainda precária elaboração da arquitetura explicativa das neuroses e aparelho psíquico. São suas palavras nessa carta:

Minhas teorias sobre a defesa fizeram um importante progresso, do qual lhe farei um relato num trabalho curto, da próxima vez. Até a construção psicológica se porta como se fosse integrar-se, o que me daria imenso prazer. Naturalmente, ainda não sei dizer ao certo. Fazer um relatório sobre ela agora seria como mandar a um baile um feto feminino de seis meses. (Freud, S. Carta de 12 de junho de 1895, em Masson [1986], p. 133).

Freud resguardou-se de relatar o que ainda não chegara à sua forma pronunciável – *ainda não sei dizer ao certo*, diz ele – que sequer chegara ao ponto de ser apresentada ao mais íntimo de seus amigos. Não podia contar por escrito, em modo tão próprio a cartas. Evidentemente, importa aqui menos uma questão de bela forma,

6 em pleno tempo de 'gestação' da *Psicologia para Neurologistas*, o posteriormente chamado Projeto relatado em viagem de trem, em 15 de setembro de 1895

mas da forma possível de se fazer chegar a um leitor, mesmo que seja um amigo benevolente. A imagem que se produz pela expressão *"mandar a um baile um feto feminino de seis meses"* é bastante rica. Sim não está pronto o texto e o que poderia ser belo e atraente é ainda horripilante; está inconcluso, tem sua capilaridade exposta e as feições são apenas insinuadas, sem o recobrimento da camada mais superficial da pele. A forma não estava harmoniosa e o conteúdo que lhe segue, face e contra-face do *relatório*, são ainda impróprios para *"dizer ao certo"*.

E mais adiante, na mesma carta, após confessar que *"preciso de muita cocaína"*, outra confissão: *"recomecei a fumar"* [...] *"Se você voltar a proibir o fumo, terei de abandoná-lo outra vez. Mas, penso bem se devo fazê-lo, caso se trate apenas de uma intolerância, e não da etiologia"*, e prossegue:

Recomecei com isso [fumar] porque me fazia falta constantemente (após 14 meses de abstinência) e porque preciso tratar bem deste sujeito psíquico, ou então ele não trabalhará para mim. Exijo muito dele. A tortura, na maior parte do tempo é sobre-humana. (Freud, idem)

As palavras de Freud falam por si: a tortura é sobre-humana – é preciso tratar bem do "sujeito psíquico", aquele que trabalha para a tessitura da invenção. Belo modo de retratar o sujeito em queda, dessubjetivado.

Será estranha a convergência desses dois testemunhos, os de Darwin e Freud?

Se lembro esses extratos de correspondência é para sublinhar o árduo trabalho de escrita quando ela transita no campo do Tande e é da ordem do real e do simbólico. Um encontro que se dá no campo da "prática da letra" na invenção científica. Pois é disso que se trata, da prática da letra na invenção científica.

O que afirmamos é que na psicanálise nada se herda pela graça, é preciso tornar própria a herança pagando um naco de carne. Digamos que a escrita de caso possibilita colocar em movimento, pelo próprio tempo da escrita, um legado. Isso enseja transmissão,

possibilita que uma herança seja apropriada, que seja passada adiante. O que se herda está no ato e é da ordem do trabalho do inconsciente.

3

O que é caso para a psicanálise? Quando se pode dizer: há um caso? Haverá diferença entre escrita de caso e estudo de caso? Em qualquer das circunstâncias ao se escolher um caso para relatar a outros, através da escrita de próprio punho, há um modo e uma forma que se impõe. Seguindo o aforismo de Lacan de que a verdade tem estrutura de ficção e que o que possibilita que o pensamento freudiano se faça passar seja possibilitado pela ficção, lembremos ainda do trabalho de Lacan com o conto de Edgar Allan Poe, *A carta roubada*, sobre a qual ele diz ser uma “*novela absolutamente sensacional, que poder-se-ia até considerar como fundamental para um psicanalista*.” (Lacan, Sem 2, 1954-1955, p. 226)⁷. Dizer que é ‘*fundamental para um psicanalista*’ é algo a levar-se em conta. Lacan se serve do conto literário para ilustrar a determinação do sujeito pelo percurso do significante. Desse trabalho extraímos também algumas indicações que caracterizam uma narrativa: ela se compõe do drama, da narração que o drama enseja e das condições da narração. O drama é constituído, diz Lacan no Seminário 2,

“pelo fato de haver liames, nós, pactos estabelecidos. Os seres humanos já estão ligados entre si por compromissos que determinam o lugar deles, o nome deles, a essência deles. Um outro discurso, outros compromissos, outras falas chegam então. [...] o anel circula entre as pessoas em várias direções ao mesmo tempo, e, por vezes, o objeto de um jogo de passa anel encontra o de um outro jogo de passa anel. Há subdivisão, reconversão, substituição.” (Lacan, J. Seminário 2, p. 248)

No Seminário sobre a “*A carta roubada*” (1955/56) Lacan diz ainda: “*A narração confere a cada cena o ponto de vista que um de seus atores tinha ao representá-la. É a verdade que possibilita a própria existência da ficção*”. (Lacan, 1998, p.14)

⁷ Lacan, J. Seminário 2, 1954-1955, (p. 226).

Aqui recorremos a Roland Barthes⁸ em *O grau Zero* da escrita quando ele nos indica que: o ato da escrita contém a reflexão do escritor sobre o seu uso, um uso social de sua forma e também sobre a escolha que assume, pois as palavras tem uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio das significações novas: somos prisioneiros das palavras de outrem e até de minha própria, diz o autor. É sob a pressão da História e da Tradição que se estabelecem as escritas possíveis de dado escritor, diz ele. Aqui está a herança que se impõe ao narrador tocado por algo da ordem de um acontecimento e que faz disso um caso.

Mas, qual momento histórico quando se trata da narrativa de um caso da clínica psicanalítica?

Há diferença quando se trata de um caso clínico com um referente determinável em posição transferencial, ou quando se tome por caso uma obra literária, cinematográfica, pictórica, escultural e até um acontecimento da ordem do coletivo, de um grupo social?

Quando é que algo do registro da escuta de um analisando se torna *um* caso? Que processos se dão na passagem do simples registro de itens para memorização das peculiaridades do encontro com um analisando, registro para *ninguém*, se é que se pode dizer assim, para um texto com endereçamento. Que processos se dão na passagem que implica a constituição de um leitor, uma escrita que inclui um interlocutor mais próximo, o público escolhido ou o público anônimo? Quem escreve e a quem endereça?

⁸ “Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela, visto essencialmente, o texto, isto é, o tecido de significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso então dizer, indiferentemente: literatura, escritura, texto. As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua [...]. O que tento visar aqui é uma responsabilidade da forma: mas essa responsabilidade não pode ser avaliada em termos ideológicos.[...] Dessas forças da literatura, quero indicar três, que colocarei sob três conceitos gregos: Mathesis, Mimesis, Semiosis.” (Barthes, R – Aula - 7/01/1977, p. 16)

Tal passagem se abre para questões como o que motiva a escolha do caso, as rasuras e ênfases, a trama dos endereçamentos, e também, o desejo do analista, a transferência. Podemos dizer ainda que uma narrativa que se constrói no campo do saber psicanalítico pode ser chamada de um estudo de caso, pois nela se enreda a teorização do saber da psicanálise?

Devemos nos perguntar ainda como podemos reconhecer que há um caso? Trata-se, a pergunta já o induz, menos de um objeto previamente determinado do que o modo de tratar o que se tome como *caso*.

Arrisquemos a afirmação de que um caso é caso quando o método de Freud se realiza numa narrativa. Uma narrativa se faz no endereçamento a um público. Ou seja: a narrativa é a realização do desejo do analista quando este inclui o público na transmissão. O que isso quer dizer? Quer dizer de uma possibilidade, de uma potência: qualquer que seja a materialidade do objeto sobre o qual nos debruçemos, seja um paciente em análise, um filme, uma peça literária, uma experiência testemunhada, se estiver presente o desejo do analista e a transmissão enquanto investimento pulsional, um caso pode advir. Pode advir porque um caso não é um dado que se coleta, ou um relatório que se documenta, mas um *encontro*. Um *encontro de heterogeneidades* tecido com o fio que a transferência oferta à narrativa.

Referências bibliográficas:

Darwin, C. (1825-1859 [2000]). "As cartas de Charles Darwin, uma seleta, 1825-1859", editadas por Frederick Burkhardt, prefácio de Stephen Jay Gould, tradução Vera Ribeiro, São Paulo, Editora UNESP.

Barthes, R. (1953 [2004]). "Grau Zero da escrita"; tradução Mario Laranjeira. 2ª Ed. São Paulo: Martim Fontes. (Coleção Roland Barthes).

_____. (1977 [2007]) "Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 7 de janeiro de 1977". Trad. e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix.

Freud, S. (1913 [1912-13]). "Totem e tabu", em: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, J. Salomão, trad., (Vol. XIII, pp. 17-197). Rio de Janeiro: Imago (1980).

Freud, S. (1887/1904 [1986]). "A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887/1904", compilada por Masson, J, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1966 [1998]). "O seminário sobre "A carta roubada", em Escritos, tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Le Gaufey, G. (2005). "The Fight Against Psychopathology – Why a Case is Not Just a Case?" Conferência dada em Londres em 12 fevereiro 2005 CFAR

(Darian Leader). Não publicada, disponível em www.legaufey.fr/Le_Gaufey/Textes...files/122.rtf

RESPINGOS DE “CHUVA OBLÍQUA” DE FERNANDO PESSOA EM “PAPEL DE PAREDE” DE HORÁCIO COSTA

VIVIAN STEINBERG

Doutora em letras pela universidade de São Paulo
 Autora de “Literatura estrangeira em língua portuguesa”
 viviansteinberg@terra.com.br

A poesia antecipa--se--nos”

Paul Celan

Fernando Pessoa se preocupava em estabelecer teorias, em esclarecer seu projeto literário, em outras palavras, ele se dedicava em pensar e escrever sobre seu fazer poético.

Numa carta famosa, com data de 1935, Pessoa esclarece a gênese literária dos heterônimos e comenta o dia triunfal: 8 de março de 1914. O destinatário é Adolfo Casais Monteiro, amigo, poeta e crítico. Ele disse que fez duas cópias dessa carta, imagina-se então que o poeta desejava torná-la pública, assim aconteceu: tanto é que a estamos comentando um século depois.

[Carta a Adolfo Casais Monteiro - 13 Jan. 1935]

(...)

Num dia em que finalmente desistira — foi em **8 de Março de 1914** — acertei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi **o dia triunfal** da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título,

O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. **E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a *Chuva Oblíqua*, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.**

(...)

Fernando Pessoa

[Carta a Adolfo Casais Monteiro - 13 Jan. 1935] - o poeta morreu nesse mesmo ano.

Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>

Em outro escrito assinado por Álvaro de Campos, “Notas para a Recordação do meu mestre Caeiro”, ele disse que Fernando Pessoa, ao conhecer Alberto Caeiro (“o mestre”), “teve naquele momento (...) a sua libertação”. Ouvir Caeiro ler versos de *O Guardador de Rebanhos* produziu nele um “abalo espiritual” cujo resultado imediato foi a redação dos seis poemas que constituem a “Chuva Oblíqua”, a “mais admirável” e “mais original” parte da sua obra.

Posto isso, e sem nos determos em avaliar a questão interessantíssima dos heterônimos, vamos direto ao ponto: a teoria proposta por Pessoa, o interseccionismo e o poema composto em seis partes, “Chuva oblíqua”.

O poema e o **interseccionismo**, conceito criado por Pessoa, será a porta de entrada para pensarmos a poesia moderna e o que ela trouxe de novidade para a escrita do contemporâneo. Esse “conceito” agiu como uma chave de leitura, para além das questões estéticas abrangendo questões ontológicas.

Se “Chuva oblíqua” é um poema-manifesto, o melhor para adentrarmos nessa poética é a própria leitura, por ser extenso, vamos ler as duas primeiras partes.

Só para lembrar, “Chuva oblíqua” foi publicado no segundo número de *Orpheu*, em 1915 (abril-maio-junho).

Chuva Oblíqua

Fernando Pessoa

I

*Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...*

*O porto que sonho é sombrio e pálido
E esta paisagem é cheia de sol deste lado..
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio
E os navios que saem do porto são estes árvores ao sol...*

*Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo..
O vulto do cais é a estrada nítida e calma
Que se levanta e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores
Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras nas águas pelas folhas uma a uma dentro...*

*Não sei quem me sonho..
Súbito toda a água do mar do porto é transparente
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse desdobrada,
Esta paisagem toda, renque de árvores, estrada a arder em aquele porto,
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma...*

II

*Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,
E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça...*

*Alegra-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso,
E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido por dentro...*

*O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes
Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar..
Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir-me a vidraça
E sente-se chiar a água no facto de haver coro...*

*A missa é um automóvel que passa
Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste..
Súbito vento sacode em esplendor maior
A festa da catedral e o ruído da chuva absorve tudo
Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe
Com o som de rodas de automóvel...*

*E apagam-se as luzes da igreja
Na chuva que cessa...*

(Pessoa, 2006, p.66-67)

Numa “primeira” leitura, o que mais chama a atenção é a plasticidade do poema. Prevalecem as imagens, isso justamente é um ponto de encontro com “Papel de Parede”, poema de Horácio Costa. Esse efeito não é gratuito, se pensarmos que Pessoa escreveu, provavelmente no mesmo ano, em 1915: “Todos os fenómenos se passam no espaço” Fernando Pessoa. 1915?¹. Em outras palavras, o espaço é o lugar que as palavras se alojam e com elas as imagens, assim a criação passa a existir, seja uma dança, uma cena, um quadro, um poema.

¹ **Pessoa Inédito.** Fernando Pessoa. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3777>

Como o nome diz, o poeta apresenta paisagens que se cruzam em vários níveis, se **interseccionam**, são vários planos coexistindo, que convivem imaginariamente. Não se pode negar a influência das artes visuais principalmente do cubismo, avistamos pedaços de realidade.

Para além da estética cubista, podemos relacionar a um processo analógico ao da transparência, embora a **transparência** supõe um não sujeito, que não é o caso.

Depois dessas digressões, voltamos às imagens e ideias que aparecem no poema. Ele pode ser lido na íntegra, composto por seis partes, ou individualmente, saboreando cada unidade.

Pensando no conceito - interseccionismo; a palavra sugere ideia de movimento, onde planos se interpõem, de uma forma oblíqua, vertical e indireta, em diagonal - aproveitando o adjetivo que o poeta escolheu para qualificar a chuva, é uma imagem plástica. Para reforçar a imagem de **movimento** e de **interposição**, a primeira palavra do poema é o verbo "atravessa". Verbo que, por si, conota movimento, confirmado pelo significado da palavra. Outra palavra, que supõe **intersecção**, é o adjetivo **transparente**, transpassado pela imagem da água que reflete as árvores, intercalada por sombras e sol no porto imaginário e nas árvores reais.

Temos duas realidades que se interpenetram: "o meu sonho dum porto infinito" e "os vultos ao sol daquelas árvores antigas"; "o porto que sonho é sombrio e pálido" e "esta paisagem é cheia de sol deste lado", ou seja, a imagem que corresponde ao sonho – porto infinito, portanto sem fim, sem limites porque sonho – é sombria e pálida contrastando com a realidade empírica – árvores antigas, que permanecem e superam o tempo dos homens, presenciaram acontecimentos diversificados da história – cheia de sol. O poeta frisa "deste lado", como se deslocasse dois lados: o do sonho e o da realidade; um sombrio e o outro ensolarado.

Para nós leitores, interpomos os dois aspectos e, num primeiro olhar, vislumbramos o poeta perante um porto em um dia ensolarado, mas nos lembramos que o porto está no sonho e o poeta

deve estar escrevendo em seu quarto e as árvores antigas, onde estão? Ainda podemos ressaltar a posição do leitor, nós, mais um plano, ou dimensão.

Outra secção que inserimos é a questão da horizontalidade e verticalidade que se expõe na maravilhosa construção "horizontalidade vertical", um paradoxo, reforçado pela imagem dos navios, horizontais, e os troncos das árvores, verticais, surge uma pintura com traços cubistas.

As folhas, no último verso da terceira estrofe, reforçam a imagem da árvore contrapondo-se às folhas do papel. A escrita comparece, além da participação do sujeito da enunciação.

E vem a pergunta modernista, a que mostra o sujeito fraccionado, ou se preferirem, interseccionado: "Não sei quem me sonho...". As reticências dão o tom intimista e sensacionista. Já não sabe o que é sonho ou o que é realidade, o que o tempo real e o que é história, a pessoal e a geográfica, no caso, Portugal.

Os tempos e a história pessoal e social se misturam, principalmente no verso "E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa". Inserimos a história das navegações, através da palavra nau, refere-se às caravelas. Essa ideia é reforçada pelo adjetivo superlativo "mais antiga". "Que o porto que passa", essa oração adjetiva conota a distância no tempo, o porto é mais recente que a nau, portanto a nau é mais antiga que o sujeito da enunciação, porque o porto faz parte do sonho e ele nasceu bem posterior ao tempo das navegações e ainda, provavelmente, não existia aquele porto imaginário naquele tempo, mesmo porque o sujeito que sonhou ainda não existia. E ainda o verbo "passa" reforça a ideia de movimento em relação ao tempo e ao espaço, dialogando e fortalecendo a imagem de "atravessa" do primeiro verso.

A palavra **transparente** aparece novamente, relacionada à água que faz o papel de refletir e de transpor imagens para o fundo. Duas palavras nessa estrofe são marcantes, além de transparente: "fundo" e "desdobrada". Embora transpassada por várias imagens e por tempos

diferentes, o sujeito da enunciação vê “como uma estampa enorme estivesse desdobrada”, sem dobras, portanto, com mais nitidez.

No final da estrofe, o sujeito está desdobrado, antes estava cindido entre o sonho e a realidade; entre a paisagem e o porto, os dois lados “entre por mim dentro,/ e passa para o outro lado da minha alma...”. As reticências transmite a sensação do sujeito que se coloca como tendo dois estados que se interceptam: se dobram e se desdobram, o dentro e o fora, interior e exterior, um lado da alma e o outro. Ainda, um não acaba quando começa o outro.

A segunda parte tem outras imagens, outros planos múltiplos que se desdobram noutros planos.

A água comparece aqui em estado de chuva, o que prejudica a nitidez, mas não é opaca, vemos através dela. Há o dentro e o fora, por um lado a igreja, por outro a rua. O movimento se dá pelo vento, pelo automóvel e pelo verbo **passar**, retomado. Enquanto acontece a missa, ao mesmo tempo, chove e um carro atravessa. A missa acaba, as luzes se apagam, a chuva cessa e o carro passa.

Os sons são da chuva, primeiro a bater na vidraça, depois ouvido por dentro; do canto do coro, do chiar da água – confundindo os dois sons, do coro e da chuva; da festa da catedral junto com o ruído da chuva; e da voz do padre misturada ao som das rodas de automóvel.

Há um impedimento de poder ver o outro lado, ou ver os montes, e o impedimento é o esplendor do altar-mor; assim como na primeira parte, “o vulto do cais é a estrada nítida e calma/ Que se levanta e se ergue como um muro”. O adjetivo nítido e comum na poética de Pessoa, principalmente nos poemas do heterônimo, Alberto Caeiro.

A metade da segunda parte é o verso mais significativo desse poema: “A missa é um automóvel que passa”. O inusitado é como qualifica a missa: um automóvel que passa, ou seja, relaciona um acontecimento efêmero, marcado pela passagem do tempo - a duração da missa ou da chuva, nomeada anteriormente; com um objeto se deslocando no espaço: automóvel que passa. A intersecção está entre um acontecimento estático, parado em relação ao espaço

mas não em relação ao tempo, a missa, e a passagem das coisas no espaço: o automóvel em deslocamento. Então, o que se relaciona é a duração das coisas, por um lado, a missa, que acontece num determinado espaço e o carro em movimento. Em relação ao leitor, nos colocamos num lugar, interior, a igreja, ou se preferirem numa cena e observamos o exterior - a chuva e o carro em movimento. Dois acontecimentos concomitantes e vários cenários: a missa, a chuva e as várias paisagens que passam pelos vitrais da igreja, das quais o leitor pode ver. Na verdade, nesse lugar quem passa são os olhares de quem está na igreja, assistindo a missa. Incluiremos ainda o lugar onde está o escritor e ou o sujeito da enunciação: algum lugar além desse espaço e tempo.

Outro aspecto importante no poema é o visual: a iluminação da igreja, as velas que são acesas e a visão, ou a falta dela.

Portanto, nas duas partes desse longo poema, há imagens e sons sobrepostos, que se desdobram e confundem, o dentro e o fora, o sonho e o suposto real, a missa, que traz uma interioridade e a rua, onde passa o automóvel, o ver, o escutar e o sentir, presente nas reticências. Mostra uma liberdade na construção dos versos, não há rimas, as estrofes são de tamanhos diferentes, ao mesmo tempo a forma se mostra concentrada, bem trabalhada, correspondendo exatamente ao significado e ao conteúdo do poema.

Com essa introdução e com a preocupação de não perdermos a questão principal desta comunicação, lemos o poema de Fernando Pessoa numa análise que privilegiou aspectos pictóricos: os contrastes e a transparência.

Pensando no olhar proposto até aqui, leio o poema III como sugestão de análise, reforçando a ideia que é nesse poema que Pessoa abrangerá de forma explícita o escritor, ou o autor, ou melhor, a escrita.

*A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro...
Escrevo — e ela aparece-me através da minha mão transparente
E ao canto do papel erguem-se as pirâmides...*

*Escrevo — perturbo-me de ver o bico da minha pena
Ser o perfil do rei Cheops...
De repente paro...
Escureceu tudo... Caio por um abismo feito de tempo...*

*Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara deste candeeiro
E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço com a pena...*

*Ouçõ a Esfinge rir por dentro
O som da minha pena a correr no papel...
Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,
Varre tudo para o canto do tecto que fica por detrás de mim,
E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve
Jaz o cadáver do rei Cheops, olhando-me com olhos muito abertos,
E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo
E uma alegria de barcos embandeirados erra
Numa diagonal difusa
Entre mim e o que eu penso...
Funerais do rei Cheops em ouro velho e Mim!...
8-3-1914*

«Chuva Oblíqua». **Poesias**. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995).
1ª publ. in **Orpheu**, nº 2. Lisboa: Abr.-Jun. 1915.
Arquivo Pessoa <http://arquivopessoa.net/textos/866> 8-3-1914

Cem anos depois, surge o poema de Horácio Costa:

PAPEL DE PAREDE

Horácio Costa

Houve toda a agitação para
comprar um iphone 6 plus.
Deixo para efetivar tais *démarches*
quando em terra está o Francisco.
De volta do supershopping,
toma de mim a nova engenhoca
e põe-se a baixar aplicativos.
A portuguesa língua sofre e se tra-
veste com uma nomenclatura nova:
convivemos com a sílica todo o tempo,
mesmo quando pensamos o impensável,
tivessem os bizantinos afastado os otomanos,
tivessem os chineses chegado a Lisboa no *quattrocento*
e Camões ficaria sem emprego e talvez sem engenho,
em mão nenhuma a espada e em nenhuma outra
a pena: *Os Lusíadas* seriam não uma épica maneirista
mas uma longa narrativa escrita com muitos dos quarenta
e cinco mil ideogramas que os chineses tinham antes de Mao
e com grandes pincéis de marta e *encre-de-chine*,
sim, em mandarim e num rolo contínuo e metonímico
que tratasse de Zanzibar e do Cabo Não, e que hoje
estaria guardado na Praça da Paz Celestial. Que digo?!
se não tivesse havido nem califas nem Sublime Porta,
teriam os almirantes chineses se dado ao trabalho
de dar uma de Vasco da Gama ao inverso? Portanto,

toda a realidade como a conhecemos depende apenas de ter Constantinopla virado Istambul, *right?* – E me pergunta: como papel de parede, qual imagem vc quer?

Respondo-lhe sem pestanejar e para a minha própria surpresa, como se o desejo tivesse desde sempre estado lá: quero a Batalha de São Romão, quero, digo, uma cena da batalha de San Romano. Não me lembrava o nome do pintor, só da fase histórica –final da Idade Média– e talvez do lugar: Siena? Florença? O Francisco então baixa no seu iphone o papel de parede, nada mais anacrônico do que esta designação: sem papel e sem parede, mas imagem sobre a sílica impressa não, projetada no plano sobre o vidro do computador de dentro para fora em bits. Não resultou boa a definição da imagem retirada do Google ou Wikipédia. Exporta-a para o meu novo celular: tudo míope, fosco, e as cores, pouco contrastadas. Como consolação, passa a ler os textos que sobre Paolo Ucello –Paolo di Dono, seu nome verdadeiro– encontra pelo caminho virtual. A grande tela central do tríptico está nos Uffizi: corresponde à batalha mesma, com os tais cavalos escoiceando e os figurantes imersos em negras, sinuosas armaduras. Sou filho de Ogum e jupiteriano com Marte no meio-céu: por isso essa batalha com palavras e imagens e conceitos,

por isso este dia após dia, sobre o papel ou frente à tela do computador.

No centro da representação, a figura de Bernardino della Ciarda, arremessado de seu branco cavalo pela lança de Niccolò da Tolentino solta a sua própria devido ao impacto do golpe. A imagem é um estudo sobre a perspectiva em movimento: nele, Ucello dá a sua contribuição à história da pintura e mais: revela o seu orgulho florentino. Ao lado, um cavalo baio, visto de costas, escoiceia bravamente montado por um cavaleiro que, também de costas, não se dá conta da sorte de seu comandante, que definiu a de Siena e a da batalha em si. Disso tudo inteiro-me ao ler o texto na coleção *Enciclopédia dos Museus*, volume “Uffizi”, que minha mãe houve por bem dar-me há quarenta e mais anos, quando havia vendedores de enciclopédias que de porta em porta carregavam suas malas de couro pesadas, nas quais havia exemplares dos livros de arte ou de literatura que tratavam de vender aos cidadãos, em prestações.

Fotografo a fotografia nele impressa com o novo smartphone e a recorto e incorporo. O papel de parede agora ficou lindo e bem definido: enquadre o trecho com o coice e o cavaleiro quem de seu destino se não apercebe, assim como tampouco eu do meu.

Osasco 20-21 V 015

“Chuva Oblíqua” do poeta moderno se transformou em “Papel de Parede” na escrita contemporânea. O movimento, em Pessoa, se interpõe em diagonal, as cenas se interceptam; em Horácio, a “imagem é um estudo sobre a perspectiva em movimento”. Os dois apresentam cenas em que a verticalidade está presente, e enquanto

uma é transparente, a outra é opaca, - uma parede, portanto não dá pra ver do outro lado ou através, não é por aí que se dá a intersecção -, embora enuncie cenas em perspectiva e em movimento.

“Papel de Parede” faz parte da decoração, normalmente é estático, agradável ao olhar sem perturbar o ambiente, serve como imagem de fundo, o apelo é visual. É anacrônico como é dito porque, em *stricto senso*, refere-se a uma decoração tradicional, europeia e, no poema, o significado é estendido para os dias de hoje, para a utilidade e a decoração de um *iphone*. É uma imagem de fundo a qual dialoga com outras informações que a tela do celular tem, portanto não é necessariamente plácida.

Qual é o movimento sugerido no poema do Horácio? É uma perspectiva que se interseccionam cenas históricas às contemporâneas, mescladas às memórias do sujeito da enunciação. A cena principal, ou a que aparece em perspectiva mais distante e, ao mesmo tempo, a que toma todo o cenário é a compra do *iphone* - a ida até o supershopping, a compra do aparelho, a chegada em casa e os primeiros passos para se apossar do “brinquedo”. É preciso personalizá-lo, então qual será o papel de parede? Tema e título do poema, nas entrelinhas e nas linhas deixa-nos entrever alguma intimidade, primeiro porque refere-se a uma rotina, depois cita seu companheiro caracterizando-o pelo movimento - “quando em terra está Francisco” - “em terra” contrapondo a “em mar” ou “no ar”, a localização é fundamental nessa denominação.

Uma outra “cena” é em relação à língua e em como ela se transforma: “A portuguesa língua sofre e se tra-/ veste com uma nomenclatura nova:”. O lugar do enunciador está dado - a contemporaneidade. E ainda nos inclui, nós leitores, companheiros desses tempos, a participar dessa escritura através da conjugação dos verbos, na primeira pessoa do plural: “convivemos com a sílica todo o tempo,/ mesmo quando pensamos o impensável”, portanto procura no leitor um cúmplice. Se pensarmos no vocabulário empregado, fica evidente a efemeridade do momento, inclusive da língua. Esses

vocábulos causam estranheza a qualquer outro leitor que não deste momento histórico.

Como um plano mais próximo de nós, leitores, por incrível que pareça, localiza-se a imagem do papel de parede escolhido: um quadro do século XV, “A Batalha de São Romano” onde mais do que representar uma cena de batalha, Paolo Ucello discute a perspectiva, novidade para a época. Podemos concordar com o anacronismo representado nessa escrita, pois o mais distante torna-se o mais próximo na eleição das imagens que o poema suscita. No entre-meio, discute-se o acaso dos acontecimentos históricos, o destino, as memórias e as crenças marcadas pela história e pela geografia. As cenas se interseccionam não tendo nenhuma hierarquia, embora as marcas da contemporaneidade permaneçam. E o momento da escrita? O momento da escrita parece colado ao do acontecimento mas é outro tempo ainda, assim os destinos se cruzam, o do cavaleiro, o do sujeito poético e do leitor, afinal quem sabe de seu destino? A única certeza que temos é em relação à morte, assim o tema maior é a morte, destino de todos nós, e o homem contemporâneo segue seu caminho acompanhado da única certeza, a morte, embora no exemplo, o cavaleiro permanece na posteridade, assim como o poeta na escrita.

Referências bibliográficas:

- BADIOU, Alain. Pequeno manual de inestética. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. CÍCERO, Antonio. (curadoria). Forma e sentido Poesia Contemporâneo. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- COSTA, Horácio. “Papel de Parede”. Osasco: 20-21/maio/2015.
- OSAKABE, Haquira. Fernando Pessoa - entre almas e estrelas. São Paulo: Iluminuras, 2013.
- PESSOA, Fernando. Poesia do Eu. (edição Richard Zenith). Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- _____. Cartas. (edição Richard Zenith). Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- STEINBERG, Vivian. Literatura estrangeira em língua portuguesa. Curitiba: Intersaberes, 2015.

ADOLESCÊNCIA, ESCRITA, PASSAGEM

GEISON DE ARAÚJO CAMPOS

Tykhe Associação de Psicanálise
geison.campos@gmail.com

A escrita deste texto tem como objetivo articular alguns pontos que considero importantes em relação à adolescência e à escrita, utilizando a noção de passagem como ponto de visada de uma adolescência. Tomar a adolescência como um não lugar ou um fora do lugar, o sujeito arremessado para fora da centralidade, é um dos fundamentos que permite pensar a articulação desta com a escrita, realçando o caráter de algo que se desloca e anda pelas bordas, margeia. Construir uma passagem que conduza o sujeito na posição de criança, mais assujeitado ao Outro familiar, a uma relação com o Outro social, habitado pela posição subjetiva designada adulta, é uma tarefa cara ao adolescente. E de partida precisamos considerar que não há possibilidade de passagem se não há espaço, se não há vazio, porém não é simples nem óbvio para o sujeito encontrar um caminho que se articule a partir deste vazio, mostrado em sua radicalidade ao sujeito adolescente.

Adolescência

Podemos notar na história da humanidade diferentes formas de passagem do que chamamos de criança ao que é designado como adulto.

É fundamental notar que essa passagem não se dá da mesma forma ao longo dos tempos e o termo adolescência nomeia uma determinada posição subjetiva presente especialmente na modernidade.

Quero inicialmente destacar alguns momentos históricos nos quais a transmissão de insígnias para a entrada no mundo adulto era por meio de rituais, descendência e assunção de valores marcados pela tradição. A noção de continuidade é mais perceptível nestes casos. Um primeiro recorte é o da Grécia antiga. Os rituais societários demarcavam quase que passo a passo a

sequência que se desenvolvia da criança ao estabelecimento de um lugar no mundo social. Os jovens recebiam uma preparação dirigida à descoberta e ao desenvolvimento das virtudes que conduziriam para o bem social. A educação e o desenvolvimento de habilidades comunitárias, visando alcançar o lugar de cidadão, integram a noção de Paidéia. Não uma mera adaptação ao social mas sim a descoberta das virtudes que fortaleceriam o elo societário¹. (Schnapp, 1996). O preparo do homem era voltado para o tornar-se cidadão e tomar parte da vida política, mas os ritos de iniciação também conduziam as mulheres à entrada na vida adulta, como por exemplo o ritual de *arktéia* no santuário de Brauron no qual meninas, por volta dos dez anos de idade, eram reunidas para participar de um cerimonial em honra da 'ursa'², as virgens não podiam ser dadas em casamento sem homenagear a deusa Artemisa.

Na Roma antiga os ritos de iniciação e preparo para a formação política e social também estavam presentes, com treinamento de habilidades para caça, esgrima, equitação e exercícios formadores do corpo e do espírito. A passagem para a vida adulta era marcada pelo uso da toga viril e então se iniciava o tirocínio, uma preparação para o exercício da vida pública³.

A iniciação para a vida adulta e ritos demarcatórios são marcas nestas formas de passagem, bem como a continuidade e uma menor necessidade buscar um lugar para si, pois as coordenadas estavam dispostas para o jovem e os lugares mais demarcados. Claro que podemos supor um trabalho psíquico nesta passagem, mas certamente com significativas diferenças para o adolescente da atualidade.

Já por volta do século XVIII, notamos algo mais próximo do que temos hoje como adolescência. A clássica obra *Emílio ou da educação*, de Rousseau, publicada em 1759, traz o adolescente permeado por conflitos que nos parecem bem mais contemporâneos. Aqui o preparo do jovem visa a preservação da inocência, que seria natural na criança, por meio da educação moral.

1 Schnapp, A. "A imagem dos jovens na cidade grega". In: Levi, G.; Schmitt, J.-C. *História dos Jovens*. Trad: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

2 Era um ritual de expiação de um urso consagrado à honra da deusa Artemisa, uma deusa virgem ligada à vida selvagem e à caça. 3 Schnapp, 1996.

3 Schnapp, 1996.

Se faço este percurso para falar sobre adolescência, não é para contar história, mas para apontar que na modernidade, a descontinuidade, a falta, que se produz entre o mundo da criança, o Outro familiar, e o mundo adulto, com demandas do Outro social, exige novas formas de passagem.

Nota-se o surgimento de uma temporalidade mais inédita. O qual estou me referindo aqui como não lugar, no sentido de uma não localização, do estrangeiro que surge na figura do adolescente. Ele é um estrangeiro na família, na escola, nas reuniões sociais, sua linguagem causa estranhamento.

Esse tempo da adolescência, que em outros momentos era significado de forma mais direta pelo Outro social, agora convoca o jovem a formular questões sobre seu presente e futuro: sobre sexo, amor, realização pessoal, estudos, profissão e o que fazer com a vida diante da finitude, da morte. Se é fato que estão mais sozinhos diante de questões que trazem angústia, por outro lado há possibilidade de subjetiva-las de uma forma que não era possível em outras épocas. O olhar do próprio adolescente estranha seu corpo, as modificações pelas quais passa: desenvolvimento dos órgãos genitais, crescimento dos seios, pelos que denunciam que há algo a ser velado. Inclusive a voz, traz a diferença. Esses destacamentos do objeto acossam o jovem, e também àqueles que são atingidos pelos estilhaços que deles partem. Por vezes o silêncio predomina no adolescente, por vezes urros tentam fazer ouvir o inaudível.

Ao adolescente a saída possível é encontrar uma passagem, um vão pelo qual possa caminhar. Por vezes passa despercebido, outras, incendiário. A transição da posição de criança a um lugar na comunidade implica necessariamente em uma passagem, em torno de uma crise vivida em silêncio ou em uma guerra declarada.

“Se existe crise de adolescência, ela existe porque o sujeito humano é um sujeito em crise, e essa crise se dá pelo fato que, como diz Lacan, a sexualidade, muito antes de fazer sentido, faz furo no real. Na psicanálise de Freud com Lacan, a crise da adolescência se dá no encontro com o sexo, porém esse encontro é muito mais um desencontro do que uma tendência à harmonização” (Alberti, 1999, p. 100)⁴

O desencontro, tão mais evidente no sujeito adolescente, nos abre a possibilidade de pensar sobre o que pode fazer o adolescente diante do furo, com o vazio com que se depara, como se articular com isso?

Dois fragmentos clínicos

Antes de mais nada quero salientar que não relaciono que a passagem operada na adolescência seja feita necessariamente pela via da escrita, embora devamos lembrar de que os diários costumam ser produtos adolescentes por excelência, e para aqueles que argumentam que eles estão ultrapassados, existem os blogs, as publicações em aplicativos de internet como *Facebook* e *twitter*. Claro que há diferenças, uma delas entre o caráter mais privado dos diários, muitas vezes mantidos em segredo, e o público dos escritos publicados na internet. Embora sejam pontos importantes a serem considerados, não é por esta via que seguirei este trabalho.

Os dois fragmentos de casos clínicos que apresentarei deixam entrever uma questão relativa a escrita durante o andamento da análise. Meu intuito é salientar a forma e a problemática com que a escrita apareceu, justamente em momentos de uma possível ruptura com a posição até então ocupada em relação à demanda dos pais.

Primeiro, um caso no qual a escrita não foi produzida.

Um rapaz, aos dezessete anos, iniciou a análise em função de um pedido da mãe, preocupada por ele não se interessar pelas coisas esperadas em sua faixa etária: estudos, profissão e garotas. Paralelamente a estas queixas aparecia uma preocupação com sua obesidade. As questões trazidas pela mãe não apareciam como problemas para ele. Sua queixa era sobre sentir preguiça e desânimo. Um jovem muito inteligente, com incrível facilidade para imaginar histórias e criar verdadeiros roteiros cinematográficos. Toda uma primeira parte do tratamento só foi possível pelo fato dele narrar as histórias que pensava, esse era seu interesse em falar. Em dado momento relatou uma vontade de escrever roteiros para cinema, iniciando inclusive uma pesquisa sobre universidades que teriam tal curso. Isso levou a mãe ao desespero, sua expectativa era de que o rapaz se tornasse um “administrativo”. Ele buscou escrever suas ideias, quis mostrar que tinha condições de seguir para o lado do cinema e então começaram a surgir dificuldades, não

4 Alberti, S. “Esse sujeito adolescente”. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

encontrando palavras que se articulassem de forma a descrever seus pensamentos, que formulava com facilidade. Quando tentava impor-se a tarefa de escrever, ocorriam-lhe “brancos”, os roteiros imaginados lhe escapavam. O “branco” tinha valor paralisante para ele. Em certo momento do tratamento, após ir sacando as aproximações que a mãe fazia nos momentos em que começava a se lançar em alguma atividade mais própria e o consequente desânimo que sentia, passou a se incomodar com as investidas dela. A mãe, revestida da figura uma mãe preocupada com o futuro do filho, lançou mão de inúmeros recursos para seduzi-lo para um retorno a uma posição mais próxima a ela, inclusive, abrir mão do tratamento médico e nutricional que auxiliaram ele a perder trinta quilos. O desânimo e a preguiça voltaram a ser queixas sistemáticas e a mãe concluiu que precisava gerenciar a vida do rapaz, fez sua matrícula em cursos técnicos de forma que estes preencheram seus espaços.

Em um momento próximo interrompeu-se também a análise.

O segundo caso possui um desenrolar diferente.

Este jovem, aos 16 anos, chegou à análise alguns meses depois de uma primeira entrevista com sua mãe, preocupada porque este não se adaptava ao trabalho nem com ela nem com o pai. Alguns meses depois o pai pede um horário, e anuncia, por meio de seu sintoma, aquilo que também faz presença no filho, o conflito silencioso na relação pai-filho. As primeiras sessões com o adolescente foram difíceis, ele só relatava sobre dificuldade para falar, um verdadeiro constrangimento. Falando algo sobre o constrangimento, contou sobre dificuldades nos estudos, algo que poderia ser um déficit de atenção, questionado sobre onde colocava sua atenção, disse: criar histórias em quadrinhos. As histórias, inspiradas em sagas de RPG, contam sobre um herói, defensor da honra, que passa pelas maiores dificuldades até conseguir ganhar uma batalha, nunca a guerra, e com isso abrem-se caminhos para novas sagas.

Isso o levou a falar sobre o que suspeitava ser a causa de sua “depressão”, como ele nomeou seu estado de ânimo, pela primeira vez se deu conta de estar apaixonado, por uma garota que conheceu em fóruns de jogos online, não sabia como contar para ela sobre seus sentimentos e isso fez com que sentisse vontade de morrer. Conta, concomitantemente a isso, sobre

as histórias em quadrinhos que cria, o herói, em maus lençóis, precisa ser muito habilidoso para não atrair ainda mais ira sobre si e achar um meio de combater os inimigos. Começou a dizer sobre o que o paralisava: as ameaças do pai, a inferioridade em relação ao irmão e a repetida posição de “do lado de fora” que se coloca: em casa, na sala de aula, em festas, etc. Articulando daqui e dali surgiu uma novidade: a vontade de conhecer pessoas. E assim começa, tropeçadamente, a dar alguns passos.

Pediu para trabalhar menos com o pai, modificou seu horário na escola, conseguindo começar a se situar em um espaço onde apenas sentia um enorme vazio à sua volta.

Pensando sobre a passagem que é a adolescência, nota-se, no primeiro caso, que o surgimento de um corte na relação com a mãe é interrompido pelo movimento desta e o rapaz não se articula em torno do vazio que aparece. Havia ali um esvaziamento importante que se produziu inclusive em seu corpo. Foi a partir deste esvaziamento que surgiu a enunciação de fazer cinema e a tentativa de passar dos pensamentos a uma escrita das ideias, assim, quando o sujeito se deparou com o vazio, com a dificuldade de se articular com isso, a mãe rapidamente compareceu para obturar o buraco.

No segundo caso, um rapaz desanimado por só estar ocupando seu tempo trabalhando com o pai, começa a pensar sobre seu vazio e criar, nas histórias em quadrinhos, alternativas para o herói combater os inimigos. Não foi evidente para os pais que o tempo vago, supostamente ocioso e preguiçoso, era na verdade condição para um novo engajamento. Nos momentos mais turbulentos, a criação de histórias em quadrinhos o animava a continuar com suas tentativas de encontrar uma saída para si.

Passagem

Cito um trecho do texto “Passagens”, de Ana Costa⁵ :

“Passagens [...] indica trânsitos, territórios, fronteiras ou mesmo – lembrando Lacan – litorais/literais. Passagens situa privado/público, dentro/fora, inanimado/animado, coisa/nomeação, reconhecimento/nome... todos [esses pares] evidenciam a dificuldade inerente à referência de nosso lugar nesse mundo, na medida em que tal referência transporta, pelo falo, dualidades irresolúveis, como as

5 Costa, A. M. M. Passagens. In: Revista Literat “Um século de interpretação dos sonhos”. Campinas, 2001, vol.4.

colocadas acima. Essas dualidades não são dispensáveis e a dialética não as supera. O significante, num percurso de análise – é isso que nos ensina a psicanálise –, pode transpô-las.” (p. 39)

A passagem implicada na adolescência toca a questão territorial, como deixar o familiar de trabalhar com o pai e caminhar em terreno estrangeiro, uma mudança de período na escola, com colegas e professores novos. Novas fronteiras, novos lugares, com toda a dificuldade em se situar onde não se tem referência para ir. A adolescência, na contemporaneidade, explicita a dificuldade de achar referências de lugar no mundo. O que não deixa de ser oportuno para pensar a passagem, pois esta não implica em resolver dualidades mas se situar em relação ao vazio e conseguir transitar por meio dele para um outro lugar. Logo, não basta o surgimento do vazio, inevitável confronto com o qual o adolescente terá de se encontrar, pois o encontro com o vazio pode ser paralisante, o sujeito pode recuar em função da angústia despertada por este, promovendo um reenvio às identificações familiares. O movimento que abre passagem em relação ao vazio é o de organizar-se em torno deste, ainda que de forma errante, como comumente isto se dá na cena adolescente.

No Seminário “A ética da psicanálise” (1959-1960), Lacan⁶ utiliza-se de *das Ding*, a partir de Freud, para situar o vazio como central no sujeito, acentuando a

diferença entre conceber que haveria um objeto que corresponde ao que falta no sujeito e tomar a ausência de objeto, o furo, como ponto originário de causação da própria subjetividade.

O trabalho psíquico da adolescência se dá em função de que o furo revelado no (des)encontro sexual, reenvia o sujeito para sentir de perto o vazio de *das Ding*. O trabalho psíquico de organizar-se em torno desse vazio é a operação requerida pela adolescência.

O engajamento adolescente em tempos de crise, lembrando de alguns exemplos em nossa própria história recente: a luta contra a ditadura militar, a participação dos “caras pintados” pelo impeachment de Fernando Collor e o movimento dos “não são só 20 centavos” são alguns exemplos da abertura

dos adolescentes diante da crise, denunciando o fracasso de um determinado modo de gozo, este é um momento em que o vazio está mais evidenciado.

A escrita de caso me leva a pensar o escrever em torno de um vazio, achar uma articulação que possa trazer à tona algo da estrutura da organização do sujeito em relação a falta.

Lembro do trabalho sobre o caso do Homem dos Lobos⁷, no qual Freud busca incessantemente elucidar a origem traumática pela recordação de um evento ou de uma ideia. Fica em um labirinto sem saída, e deixa Sergei Pankejeff sem passagem. A escrita deste caso mostra sua busca por elementos da cena originária que responderiam ao vazio do trauma. Só algum tempo depois surge uma nova escrita de Freud “Além do Princípio do Prazer” que começa a tratar deste para além, de algo da negatividade do sujeito.

A escrita pode comportar uma passagem, por possuir relação com aquele que se põe a escrever, com efeito de fragmentar, de celebrar a divisão psíquica. Uma escrita que não tampona o vazio pode fazer barreira contra a normatização da psicanálise pelo enquadramento clínico, uma vez que se trata mais de comemorar uma novidade, uma falha, o tropeço do que confirmar as certezas teóricas.

E se há uma coisa que o adolescente quer fazer ouvir é isso, há novidades, há buraco, falta. As crateras que aparecem em seu rosto não são apenas espinhas, são erupções do furo que assola o sujeito. E se há furos... há chance de passagem.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, S. “Esse sujeito adolescente”. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.
- COSTA, A. M. M. Passagens. In: Revista Literat “Um século de interpretação dos sonhos”. Campinas, 2001, vol.4.
- FREUD, S. História de uma neurose infantil. In: Obras completas. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, vol 14.
- LACAN, J. O Seminário livro 7 “A ética da psicanálise”. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- SCNAPP, A. “A imagem dos jovens na cidade grega”. In: Levi, G.; Schmitt, J.-C. História dos Jovens. Trad: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

6 Lacan, J. O Seminário livro 7 “A ética da psicanálise”. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 158 e seguintes

7 Freud, S. História de uma neurose infantil. In: Obras completas. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, vol 14.

A ESCRITA DO CASO SANDOR FERENCZI E ANÁLISE DIDÁTICA EM QUESTÃO

MARCIO MARIGUELA

Psicanalista, graduado em Filosofia e
Doutor em Psicologia da Educação pela
Universidade Estadual de Campinas
mmariguela@gmail.com.br
marciomariguela.com.br

1 - Prelúdio

“Nos últimos anos, dediquei-me principalmente a análises didáticas” –
Sigmund Freud / 1937

“Querido Wilhelm,
Minha autoanálise, é de fato, a coisa mais essencial que tenho no momento,
e promete transformar-se em algo do maior valor para mim, se chegar a
seu término”

Sigmund Freud / 15/10/1897

Quarenta anos se passaram entre as duas epígrafes e, neste tempo, a
relação entre Sigmund Freud e seus amigos é um aprazível tema de inves-
tigação e pesquisa para aqueles demonstram um compromisso ético com
causa/coisa freudiana.

Freud e seus amigos: de Breuer à Fliess; de Fliess à Jung; de Jung à
Ferenczi.

Em seu conjunto, a *Correspondência Sigmund Freud & Sandor Ferenczi*
abrange o período de 1908 a 1933. São mais de 1200 cartas, cartões, tele-
gramas a recobrir um longo e ininterrupto trabalho de construção da obra
freudiana, da clínica psicanalítica e de sua extensão, instituição e interna-
cionalização do movimento psicanalítico.

Freud escreveu em 1937 o caso Ferenczi num único parágrafo do artigo
Análise Finita e Infinita. No entanto, é possível traçar a genealogia do caso
desde a primeira carta que registra o encontro decisivo entre o criador da
psicanálise e o jovem médico de Budapeste.

Efetivamente, Ferenczi frequentou o divã de Freud durante três semanas
em outubro de 1914 e três semanas em junho 1916, em ambos com duas
sessões diárias. Uma análise intensiva para cumprir a exigência instituída da
análise didática no III Congresso da Associação Psicanalítica Internacional
em 1911: quem desejasse praticar a psicanálise deveria submeter-se a uma
experiência de análise com psicanalista reconhecido da primeira geração.

Freud recebeu em análise didática aqueles que já estavam atuando na
causa da psicanálise e na clínica psicanalítica. E, dada sua condição primeira,
tornouse a referência para praticar o que foi nomeado exigência institucio-
nal. Pretendo demonstrar que as sessões de Ferenczi com Freud cumpria
primeiramente a tal exigência e, para além disso, a verdadeira experiência
de análise de Ferenczi pode ser cartografada ao longo das cartas que nos
foi transmitida desde o primeiro encontro em 1908. Para sustentar tal ar-
gumento escolhi como exemplo a carta de 26/dezembro/1912.

2 - A viagem à Sicília: a demanda de amor

O trabalho de pesquisa com as cartas que antecedem a experiência de
análise de Ferenczi no divã de Freud demonstra que efetivamente tal ex-
periência iniciou depois da viagem que ambos realizaram a sul da Itália, na
mítica ilha siciliana. Vou destacar alguns aspectos histórico desta importante
viagem dentre outras tantas que realizaram juntos.

A amigável relação de Freud & Ferenczi iniciou com as marcas de trans-
missão de pensamento, também conhecido como telepatia. Em alemão, a
palavra *übertragung* pode significar: transmissão, transferência ou tradução.
O aspecto etimológico é relevante para analisar o caráter emblemático que
está em jogo no conjunto das cartas cambiadas entre o psicanalista de Viena
e o médico contratado como perito de saúde pelo governo de Budapeste.

Sándor Ferenczi, transmissor da teoria freudiana, veio assumir a função
de tradutor do inconsciente do próprio mestre. Passador da psicanálise,
foi também um dos pioneiros a cumprir o preceito de que a formação do
analista se realiza numa experiência intencional de análise.

A decisão de viajarem juntos à Sicília decorre dos eventos e laços de amizade (e fidelidade) vivenciados no 2º Congresso Internacional de Psicanálise em

Nuremberg realizado em março/1910. Freud percebeu que as posições de Gustav Jung, a princípio escolhido como príncipe herdeiro, conduziria a inevitável ruptura e sua consequente deserção do movimento psicanalítico em 1914. O empenho e entusiasmo de Ferenczi, na época com 37 anos de idade, durante o Congresso, fez com que Freud apostasse nele suas esperanças de transmissão da jovem ciência revestida de arte: a psicanálise.

No entanto, sua produção teórica foi subjugada e condenada pela própria Associação da qual foi um dos mais exaustivos organizadores. Ter sido escolhido por Freud fez dele um ponto de convergência do ódio subjacente à irmandade dos psicanalistas.

Na *Correspondência Freud & Ferenczi* pode-se acompanhar, passo a passo, os preparativos da viagem ao sul da Itália. Desde o roteiro, passagens, hospedagem, vestuário, até as experiências clínicas, interesses de pesquisa e condição de saúde física e psíquica de cada um.

Freud vivencia o luto da ruptura com o amigo de juventude: Wilhelm Fliess, médico otorrinolaringologista de Berlim, considerado pelos historiadores como o parteiro da psicanálise. Pressentia que a amizade com Jung caminhava para derrocada final. Depositava em Ferenczi seu desejo de ter um interlocutor para aplicação da teoria do inconsciente à clínica de pacientes psicóticos, em especial, a paranoia.

Ferenczi vivenciava um estado melancólico e depressivo com intensa produção de sintomas psicossomáticos. A luta fratricida no movimento psicanalítico deixava o representante de Budapeste num conflito insolúvel: estar à altura da demanda do mestre: na produção de artigos sobre o componente homossexual na paranoia e na organização da Associação Internacional.

Ambos contam os dias para as férias na Sicília: “todos os desejos concentram-se na viagem de setembro e ela é objeto de preparativos amorosos”, escreveu

Freud em julho/1910. No mês seguinte, Ferenczi escreveu ao Caro Professor:

“Peço que o Sr. disponha de mim a seu bel-prazer. Inútil enfatizar que, por mais que eu deseje rever a Itália, atribuo menos valor à viagem e mais à sua companhia e estou disposto a encontra-lo onde quer que seja”.

Em resposta, Freud expressou a grande expectativa da viagem: “Sicília será nosso maior momento. Concordo contigo: o importante é estarmos juntos. Espero que o Sr. me traga um final feliz para este amortecimento intelectual que me aprisiona no interior de um grande mal-estar”.

Toda ascendente expectativa sofrerá um efeito reverso: a decepção e frustração em ambos. Desde os tempos de adolescência, quando Freud leu o relato de viagem do poeta Goethe ao sul da Itália, cultivava o desejo de conhecer Nápoles e Palermo. “Palermo foi uma orgia inaudita, que não se deveria conceder apenas a si mesmo”, escreveu Freud à sua amada esposa Martha. Após quinze dias vagando pela capital da Sicília, decidiu visitar Agrigento e Siracusa: espécie de santuários da antiga civilização grega.

Antes de partir ao encontro dos templos gregos no extremo sul da ilha siciliana, Freud escreveu um solene juramento na carta à Martha:

“Prometo solenemente que, durante as iminentes fainas do ano, recordarei sempre que já recebi e consumi a minha melhor parte nesta vida. Estar aqui é o coroamento de que já realizei até agora. Ainda não tinha visto o conjunto com tanto esplendor, tantos panoramas, perfumes e tanto bem-estar. Tenho daqui a visão de síntese. Ainda desejo encontrar em Siracusa algo de bom. Para não dizer que estou feliz e assim despertar a inveja dos deuses, digo-lhe que hoje lemos notícias sobre o cólera em Nápoles”¹.

No final da viagem, relatou a Jung: “A viagem foi rica e substanciosa e satisfaz diversos desejos, o que há muito tempo era necessário para a economia psíquica. A Sicília é a região mais bela da Itália e conservou trechos verdadeiramente únicos da antiguidade grega desaparecida, reminiscências infantis que permitem extrair conclusões a respeito do complexo de Édipo”².

1 RICCI, G. As cidades de Freud, p.154

2 RICCI, G. Idem, p.154

Na Sicília, Freud encontrou a gênese da civilização ocidental e, ao mesmo tempo, a gênese de seu percurso, desde os *Estudos sobre Histeria* (1895) até o *Totem e Tabu* que foi gestado durante a viagem e publicado em 1914. De igual modo, foi a realização de um sonho: percorrer os lugares visitados e narrados por Goethe: os templos da Concordia, de Juno, de Júpiter, de Hércules, de Esculápio. As mais preservadas reminiscências da infância da civilização ocidental.

Enquanto Freud tinha sua singular perspectiva da viagem, o companheiro estava capturado num conflito irreduzível: ser o discípulo/filho ou o amigo liberto do ideal identificatório com a figura do mestre/pai. Inibido e assolado pela angústia não conseguiu usufruir da paisagem e nem dos encantos da mítica ilha. Passou os dias deprimido e macambuzio, capturado pela dúvida neurótica de não corresponder às expectativas do mestre.

O retorno foi marcado por um silêncio epistolar. Ferenczi tomou a iniciativa de escrever (28/09/1910): “Lamento não ter sido um companheiro à altura do que o Sr. desejava. Minha demanda neurótica de ter um pai e ser educado por ele estragou o passeio. Espero que, apesar disso, possa continuar desfrutando de sua amável companhia. Por ora, gostaria apenas de dar um sinal de vida e agradecer de coração os esforços que o Sr. tem feito como comandante da viagem”.

Freud respondeu com amabilidade dizendo guardar apenas “recordações calorosas e simpáticas de sua companhia durante a viagem, embora tenha me causado pena por sua decepção e eu tenha desejado que o Sr. fosse diferente em alguns aspectos. Esperava que o Sr. se libertasse da condição infantil e que estivesse ao meu lado como um companheiro em pé de igualdade, o que não lhe foi possível. O Sr. estava inibido e procurando em mim um ideal a ser imitado. Estou farto de ser convocado a ocupar a função de mestre”.

Diante da franqueza de Freud, a resposta de Ferenczi é um dos mais expressivos exemplos da relação transferencial analítica em atuação no conjunto da *Correspondência*. Primeiro, reconheceu que a interpretação de Freud sobre a demanda infantil estava correta e, lamentou-se: “foi uma terrível falta de consideração de minha parte estragar suas merecidas férias.

Esperar que o Sr. me educasse como um pai, mostrando a mim os meus defeitos, foi demasiado inoportuno. Prometo me esforçar para estar em pé de igualdade e ser-lhe um amigo fiel”.

Esforçou-se tanto que veio morrer de exaustão aos sessenta anos em 1933. No obituário, Freud reconheceu a fidelidade do amigo e a felicidade de contar com sua amável presença: “Por vários anos passamos as férias de outono na Itália e vários ensaios que fazem parte da literatura psicanalítica nasceram nestes passeios. É impossível imaginar que a história da nossa ciência o esqueça algum dia”.

3 - A ruptura do triângulo

A solicitação explícita e intencional de análise, formulada na carta de 26/12/1912, só foi possível quando a triangulação Freud-Jung-Ferenczi se rompeu. Há uma sequência de cartas de Freud que antecedem a famosa carta de dezembro nas quais anuncia a ruptura com Jung e é importante resgatar o teor dos predicados atribuídos por Freud e o modo como instiga Ferenczi a descartar também Jung.

Enquanto Ferenczi relatava sua ladainha de sintomas conversivos, Freud estava ocupado com sua relação com Jung. Na carta de 28/07/1912 encontramos: “sigo com interesse todos os relatos sobre seus acontecimentos mais íntimos, mas continuo pensando que o único dever de amigo é deixá-lo em paz (...) no que diz respeito a Jung, agora está tudo totalmente claro”.

Reproduziu uma breve carta recebida de Jung e conclui: “de início não responderei, vou deixar passar algumas semanas e não fazer absolutamente nada, o que facilita uma ruptura formal. Vamos ver. (...) Jung está numa neurose galopante. Seja como for que isso acabe, minha intenção de fundir judeus e goyim³ a serviço da psicanálise parece-me, neste momento, fracassada. Eles se separam como água e óleo. Você deve estar muito satisfeito com minha maneira de ver tudo isso. Estou à vontade, totalmente imparcial e intelectualmente em posição de superioridade”.

3 Na língua hebraica, goyim significa gado, povo, plebe. Diz-se da pessoa que não é judia, de outras religiões.

Ferenczi capturou a mensagem e respondeu (06/08/1912): “depois de tudo o que conheço do comportamento de Jung, sua declaração de guerra oficial foi capaz de me entristecer, mas não de surpreender (...) ele trata a psicanálise como se fosse um assunto pessoal entre vocês dois e não algo objetivo e científico (...) alegro-me muito que tenha aceito tão facilmente a defecção de Jung. Isso me prova que seu desesperado esforço em criar um sucessor pessoal foi definitivamente deixado de lado e que o Sr. abandonou a causa da psicanálise a sua própria sorte, depois de ter feito tudo o que lhe foi possível”.

Na carta de 12/08/1912 Freud inscreveu o tom para o que estava acontecendo e fez a primeira menção à formação do Comitê Secreto pela vigilância do desenvolvimento da psicanálise: “do reino científico: creio que a psicanálise permite que se reconheçam dois estágios originários da organização humana: a horda do pai e o clã dos irmãos [referência clara ao *Totem e Tabu* ainda em germe]. Este último desenvolve a primeira religião, o totemismo, porém, é a obediência a posteriori aos mandamentos da primeira fase. Assim, o pai é inicialmente vencido; como pouco a pouco os irmãos unidos foram eles mesmos se tornando pais, o pai retorna, mas agora provavelmente como Deus”.

Na carta de 21/10/1912 Ferenczi iniciou sua crítica as posições de Jung no campo da psicanálise e em especial sua concepção de libido, afirmando que ele não tinha o menor conhecimento do que é o inconsciente. Na carta seguinte (25/10), a artilharia de Budapeste continuou: “como foi possível que tivéssemos deixado passar despercebidos os processos de pensamento paranoicos presente na concepção de libido formulada e Jung. A cada momento ele sai dos trilhos da observação científica e se transforma em fundador de religião. Sua preocupação não é a teoria da libido, mas a salvação da comunidade cristã. Ele identifica a confissão com a terapia psicanalítica e não quer renunciar a homossexualidade (comunidade cristã) e prefere detestar a sexualidade e goza em ser adorado pelos cristãos. Ele se encontra numa confusão incurável de complexos mitológicos”. Conclui afirmando que ainda não se encontra bem de saúde e não tinha nenhuma pista sobre sua suposta sífilis - crônica queixa hipocondríaca a percorrer várias cartas.

Ao que Freud respondeu (27/10): “é supérfluo dizer que suas observações sobre Jung me parecem totalmente evidentes, só que uma parte da crítica precisaria ser feita de outra maneira”. Um mês depois, na carta de 26/11, Freud informou sobre o “concílio de Munique” relatando a longa conversa que teve com Jung: “eu não lhe poupei de nada, disse-lhe calmamente que uma amizade com ele não poderia ser mantida, que ele mesmo havia evocado uma intimidade com a qual viria a romper tão brutalmente depois; que ele não estava bem com o Homem, o masculino, em geral, não apenas comigo, mas também com os outros; que ele repelia a todos depois de um certo tempo”.

Jung acompanhou Freud até a estação de embarque, despediu-se com as últimas palavras: “o Sr. me encontrará sempre devoto à causa da psicanálise”. No trem, Freud teve uma crise de angústia e desmaiou por um momento: “mas eu mesmo me levantei e por um tempo tive náuseas que à noite se transformaram em uma dor de cabeça e bocejos, um resíduo de meus males de verão. Na noite de volta a Viena, dormi muito bem e cheguei aqui muito tranquilo”.

Ferenczi respondeu (28/11): “considero correta a sua interpretação do comportamento de Jung; o núcleo de falsidade, sobre a qual o Sr. falou com ele, deve também ser o núcleo de sua neurose”. Em 07/12 voltou a escrever relatando seu histórico de sintomas conversivos para concluir: “se houve um fator psíquico na patogênese de minha doença e se o seu objetivo foi o de reaproximar-me de Frau G., então a doença cumpriu seu dever (...) espero que pouco a pouco eu possa relatar mais da ciência e menos de doenças”.

Ao que Freud respondeu (09/12): “não acredito, nem por nenhum instante em sua sífilis. Há um traço hipocondríaco evidente na história de sua doença”; e engatou novamente a querela com Jung: “ele é um doido, suas cartas oscilam entre a ternura e a arrogância presunçosa e todos os relatos mostram que ele considera seus erros como grandes descobertas”.

Na carta de 23/12 Freud desejou-lhe uma feliz natal e urgente recuperação “desta entediante história” de doenças irremediáveis do amigo húngaro que serviam como justificativas defensivas frente a demanda de trabalho que a causa exigia.

Na sequência, enviou em anexo “a insolente e inaudita carta” que recebeu de Jung dizendo que iria tomar o partido de Freud na disputa com Adler: “ele realmente quer me provocar de modo que a culpa do rompimento recaia sobre mim e dizer que eu não suporto a análise (...) ele se contra como um palhaço extravagante e um tipo brutal, o que de fato ele é (...) minha construção da refeição totêmica se confirma na prática: de todos os lados, os irmãos caem sobre mim e, sobretudo, é claro, os fundadores de religiões (...) na crise atual não quero prejudicar a existência de nossa publicação. Mas acho que Jung teme a dissolução da Associação mais do que nos, e agora quer me absorver a partir da Associação. Permanecerei muito reservado, mas aceito de bom grado os conselhos que me der”

4 – O pedido de análise intencional

É neste chamado que se insere a carta de 26/12/1912; na qual Ferenczi formulou o pedido de análise intencional com Freud. Antes de formular o pedido explicitamente, forneceu os conselhos solicitados:

“O comportamento de Jung é de uma impertinência inaudita. Esqueceu de que foi ele próprio que exigiu à comunidade analítica o tratamento dos alunos como pacientes e condição necessária para que os mesmos viessem a praticar a psicanálise. Mas quando se trata dele, não quer mais fazer valer as regras por ele proposta. Agora ele pretende ficar fora das regras por considerar a análise mútua um absurdo e marcada por uma impossibilidade. Ele quer ser a exceção à regra. Cada um de nós deve ser capaz de suportar uma autoridade sobre si, da qual aceita as correções analíticas. O Sr. é mesmo o único que se pode permitir renunciar a um analista. O Sr. é a única exceção por não ter à sua disposição um analista igual ou ainda superior; prática a análise há mais de quinze anos e armazenou experiências que ainda nos falta. Apesar de todos os defeitos da autoanálise, devemos esperar do Sr. a capacidade de controle sobre seus sintomas. Mas o que vale para o Sr. não vale para nós.

E agora, vamos a mim. Também sou um caso a ser tratado - mas em mim há um progresso inegável, na medida em que tenho consciência disso. Minha

intenção é de muito em breve entrar em análise com o Sr. De início por umas duas ou três semanas. Alguns dados poderiam orientá-lo sobre mim”.

A carta segue com um extensivo relato sobre sua história desde a infância com minúcias que demonstram a seletividade de fatores que supostamente seriam preliminares a análise demandada no futuro de um pretérito imperfeito.

Ferenczi concluiu a missiva: “Perdoe-me por esta análise gratuita que lhe extorqui (mesmo que por escrito)”.

A resposta de Freud em 30/12 iniciou com o desejo de um feliz ano novo, embora provavelmente muito difícil: “acreditará ou ficará zangado pelo fato de que li sua carta auto analítica, mas ainda não a tenha refletido como deveria? Assim, eu em parte frustré suas intenções neuróticas. Ou seja, poder extorquir algo de mim!”.

Contou que escrevia após retornar do teatro onde foi assistir a opera *Don Giovanni* de Mozart e que teve forte identificação com a cena do banquete entre o herói e o fantasma do comendador. Nela reconheceu seu estado e a situação do movimento psicanalítico: “A carta a Jung não foi enviada. Que se dane! Não preciso dele e de sua amizade. Se me restarem quatro ou cinco auxiliares, afrontarei a situação tão bem quanto antes, quando tive de enfrentar as resistências sozinho”.

Nas cartas seguintes, nenhuma palavra sobre o relatório auto analítico de

Ferenczi. Freud estava muito ocupado com sua situação com Jung. Em 05/01/1913, fez um comunicado importante: “Fico feliz em saber que o Sr. está bem neste momento atual que nos é tão necessário ficarmos bem. Comunicolhe que encontrei boas e educadas frases, embora inequívocas, para interromper as relações privadas com Jung. As atitudes dele revelam o quanto é um patife neurótico. Se ele estivesse em tratamento comigo e pagando por ele, eu teria de lidar com o que ele diz, mas assim, posso poupar-me e utilizar minhas forças em outras coisas”.

As boas e educadas frases utilizadas de forma inequívocas por Freud foram enviadas a Jung no dia 03/01: “está combinado entre nós, analistas, que nenhum de nós deve se envergonhar de seu pedaço de neurose. Mas

aquele que, se conduzindo de forma sintomática, apresenta-se como modelo de normalidade, desperta a desconfiança de que lhe falta a consciência de sua condição neurótica. Desse modo, não me resta mais nada do que romper definitivamente nossas relações privadas”.

A resposta de Jung, que se cruzou com a carta de Freud no mesmo dia em que foi remetida, diz o seguinte: “ofereço ao Sr. os mesmos cuidados psicanalíticos que o Sr. por vezes me oferece”.

5- Ferenczi analista didata de Ernest Jones

Uma das primeiras experiências de análise didática foi realizada com quem não havia passado pela própria vivência de análise intencional. Entre junho e julho de 1913, Ernest Jones realizou duas sessões diárias de análise didática com Ferenczi por recomendação de Freud que na época era analista da esposa de Jones e cujo desfecho foi a separação do casal. Note-se que Freud o colocou nesta condição sem que o mesmo tivesse ainda uma experiência formal de análise.

Na carta de 04/05/1913 Freud escreveu ao amigo húngaro que achava melhor ele esperar para iniciar a análise e considerou 4 ou 6 semanas tempo insuficiente; julgava mais oportuno “não privar um de meus assistentes mais indispensáveis ao perigo do distanciamento das pessoas devido a análise”. Reafirmou sua convicção de que os sintomas relatados por Ferenczi não tinham causalidade orgânica e sua queixa neurastênica hipocondríaca encontraria no trabalho intelectual uma forma de deslocamento. Freud protelou o quanto pode em aceitar Ferenczi em seu divã.

Na mesma carta confessou sua preocupação em relação a Jones: “não sei como ele irá suportar saber que sua mulher, por causa da análise, não quer mais ser sua mulher. Deve-se supor daí que as mulheres são mais inteligentes do que nós e que, com razão, obrigam-nos a seguir suas vontades e desejos?”.

Na carta de 07/06/1913 Ferenczi fez o primeiro relato da análise com Jones: “acho que dará certo a análise com Jones. No momento, ele interpreta demais e só fornece material antigo, que já lhe é conhecido, a transferência ele já trouxe consigo para o tratamento e se esforça por ser sincero”.

A resposta de Freud veio no dia seguinte: “alegra-me saber que Jones começa bem. Seja rígido e terno com ele. É uma boa pessoa. Alimente a ninfa, de modo que ela possa transformar-se numa rainha (deusa)”.

Nas cartas seguintes o caso Jones foi narrado com certo entusiasmo mútuo e entremeios à leitura que Freud solicita de ambos (analista e analisando) sobre a redação final do *Totem e Tabu*. Em 17/06, Ferenczi acusou o recebimento das primeiras migalhas do banquete totêmico e se disse incapaz de oferecer alguma contribuição pois se tratava de um assunto inteiramente novo para ele. “Jones é muito agradável como amigo e colega. Na análise, seu excesso de bondade age como obstáculo. Ele parece temer que eu conte ao Sr. tudo o que fico sabendo na análise. Já o vejo um pouco menos modesto, isto é, mais sincero”.

Dias depois (23/06) voltou a relatar sua impressão sobre o *Totem e Tabu* dizendo que ele e Jones estavam lendo em conjunto; concluindo estar totalmente seguro que este trabalho se tornaria um dia o “ponto modal da ciência da história da cultura humana”. Terminou a carta expressando: “Jones é meu melhor e mais querido paciente: é aplicado, obediente é um amigo realmente confiável; acho que poderemos construir algo apoiados nele. O breve período de resistência foi substituído por bons progressos”.

Na carta de 05/08 Ferenczi comunicou a Freud que Jones o deixou a quatro dias e confessou sentir muito a falta dele: “tornamo-nos amigos íntimos; aprendi a amá-lo e estima-lo; foi um prazer ter um aluno assim tão inteligente, fino e distinto. A análise teve um efeito muito favorável sobre ele. Suas convicções adquiriram uma fundamentação mais sólida, sua independência aumentou e, provavelmente, também aumentou a coragem para um pouco mais de originalidade. Espero que ele obtenha o domínio sobre suas tendências neuróticas a partir de agora”.

Três meses depois Ferenczi escreveu a Freud para dizer que Jones anunciava a fundação da Sociedade de Psicanálise de Londres na qual assumiria a função de presidente.

6 - O caso Ferenczi nomeado por Ernest Jones

Construções em Análise e Análise Terminável e Interminável são os últimos escritos técnicos de Freud escrito dois anos antes de morrer. É uma espécie de testamento clínico de Freud que demonstram suas posições como psicanalista no crepúsculo de sua existência.

O ensaio clínico *Análise Terminável e Interminável*⁴ deixa no leitor a impressão de um certo pessimismo schopenhauriano no que diz respeito a eficácia terapêutica da psicanálise. Desde o início da década de 1930, Freud afirmou em várias passagens que nunca fora um terapeuta entusiasmado na cura dos sintomas neuropsicóticos. Examinava com rigor as dificuldades práticas e teóricas de terapia teleologicamente dirigida pela cura. Se não há cura, por certo há tratamento. A questão permanece: o tratamento ético exigido pela psicanálise tem ou não um fim?

Neste aspecto, é preciso distinguir fim e finalidade: fim é submetido aqui à lógica da temporalidade não cronológica; finalidade tem relação com télos (fim, finalidade, conclusão, acabamento, realização, cumprimento)⁵. Terminável ou não depende da concepção teleológica que se tem da terapêutica adjetivada psicanalítica.

Logo no início do ensaio, Freud recorreu [como sempre aliás] à experiência como seu mestre e guia: “ela nos ensinou que a terapia psicanalítica - a libertação de alguém de seus sintomas, inibições e anormalidades de caráter neurótico - é assunto que consome tempo. Daí, desde o começo, tentativas terem sido feitas para encurtar a duração das análises”. Citou o livro de Otto Rank, *O Trauma do Nascimento* (1924), dizendo que os argumentos do autor eram audazes e engenhosos, mas não suportou o teste do exame crítico [ver o artigo Inibição, Sintoma e Angústia escrito em 1926]. Considerou o livro de Rank produto de seu tempo, “concebido sob a tensão do contraste entre a miséria do pós-guerra na Europa e prosperidade dos EUA, projetado para adaptar o ritmo da terapia analítica à pressa da vida americana (tempo é dinheiro)”

4 Vou adotar esta tradução escolhida por Jacques Lacan para o título do ensaio de Freud sobre a questão do fim da análise. Na edição Standard Brasileira das Obras Completas publicado pela Imago o título é *Análise Terminável e Interminável* (1937).

5 O vocábulo Télos em grego é o que permite avaliar ou determinar o valor e a realidade de alguma coisa.

A ironia de Freud compareceu: “não sabemos muito o que o plano de Rank fez pelos casos de doença. Provavelmente não fez mais do que faria o Corpo de Bombeiros se, chamado para socorrer uma casa em chamas causada pela lamparina, se contentasse em retirar a lamparina do quarto. É fora de dúvida que tal ato pouparia consideravelmente a ação dos bombeiros”. Concluiu: “a teoria e a prática do experimento de Rank são coisas do passado - não menos que a prosperidade americana”

No caso de Ferenczi, digníssimo destinatário in memoriam do ensaio, as coisas se passam diferente. Freud fez referência a ele em três momentos:

1) como paciente, ou seja, um caso clínico para ilustrar seus argumentos. Ocorre que esta forma é subliminar, não nomeada, assim como todos os fragmentos de casos ao longo de toda obra. Através do biógrafo oficial Ernest Jones o leitor fica informado que o exemplo clínico citado tem identidade: Sándor Ferenczi.

O caso Ferenczi, escrito num único parágrafo, apareceu na sequência de um axioma: “somente quando um caso é predominantemente traumático é que a análise alcançará sucesso (...) só em tais casos pode-se falar de uma análise que foi definitivamente terminada (...) em vez de indagar como se dá uma cura pela análise, os analistas deveriam se perguntar quais são os obstáculos no caminho de tal cura”.

É com este propósito [os problemas que surgem na prática clínica da psicanálise] que o caso Ferenczi foi apresentado:

“Certo homem (sic!), realizou a autoanálise com grande êxito e tornou-se praticante da psicanálise com igual sucesso, chegou à conclusão de que suas relações com homens com os quais rivalizava e mulheres que amava, não estavam livres de impedimentos neuróticos. Solicitou análise a um outro analista que julgava superior a si. Esta decisão teve um resultado totalmente bem-sucedido. Casou-se com a mulher que amava e se transformou em amigo e mestre de seus supostos rivais. Muitos anos se passaram e sua relação com o antigo analista permaneceu tranquila e serena. Mas de repente, sem qualquer razão externa mensurável, surgiram problemas e conflitos. O homem que foi analisado se tornou adversário antagonista do seu analista e começou a criticá-lo por ter falhado em lhe proporcionar

uma análise completa. Ele dizia que seu analista deveria ter sido capaz de identificar as manifestações de ódio na transferência. Para ele a transferência não era somente uma atualização do amor (positiva) mas também comportava também elementos agressivos (negativa). O analista se defendia dos ataques dizendo que, na época da análise, não havia signos de transferência negativa. Mesmo que tivesse falhado em reconhecer tais manifestações - o que não estava totalmente excluído, considerando o horizonte limitado da análise naquele tempo - ainda era duvidoso, supunha o analista, se poderia apontá-lo e ativar um assunto que não estava presente no discurso e nas atitudes do paciente. Ativá-lo seria uma impostura do analista. Isto porque, nem toda boa relação entre um analista e seu analisante, durante e após a análise, deve ser reconhecida como transferência; há também relações de amizade que não sofrem os efeitos da transferência e já demonstraram ser viáveis e frutíferas”.

2) no último parágrafo do item III onde Freud informou sobre o estado atual de sua prática clínica: “uma experiência clínica de décadas e uma mudança em minha própria atividade incentivam-me a tentar responder as questões levadas (se há possibilidade de eliminar para sempre o conflito entre as exigências pulsionais e as defesas do eu; se enquanto tratamos deste conflito podemos imunizar o paciente para outros do mesmo tipo; se temos o poder, para fins de profilaxia, despertar um conflito que ainda não está atuando e se é aconselhável fazê-lo)”.

Freud reafirmou, no passado, seu desejo de curar pois tratável de um grande número de pacientes. “Nos últimos anos, dediquei-me principalmente a análises didática”. É neste ponto que devemos situar a escrita do caso Ferenczi.

Depois de argumentar sobre as questões citadas, concluiu: “ao reivindicar como meta terapêutica a cura das neuroses assegurando o controle sobre as pulsões, a psicanálise está correta na teoria, mas nem sempre na prática. Isso porque ela nem sempre obtém êxito, em grau suficiente, para tal empreitada. As bases sobre as quais o controle das pulsões se daria são muito frágeis e é fácil descobrir a causa de tal fracasso parcial (...) o poder dos instrumentos com que a análise opera não é ilimitado, mas bem restrito

e o resultado final depende sempre da força relativa dos agentes psíquicos que estão lutando entre si”.

Neste ponto, o nome de Ferenczi é citado como um “mestre da psicanálise” pois dedicou-se com muito esforço a experimentos terapêuticos de abreviar o tratamento e, infelizmente, constatou Freud, o resultado foi em vão. Apostar na eficácia do tratamento psicanalítico através de um trabalho assistencial ao ego é manter atuante a influência hipnótica do início da experiência clínica de Freud. “As razões pelas causas abandonei este procedimento já são suficientemente conhecidas. Ainda não foi encontrado substituto algum para a hipnose”.

3) no penúltimo item do ensaio Freud iniciou citando o “instrutivo artigo” de Ferenczi sobre o problema do termino das análises, comunicado no Congresso de Innsbruck em 1927: “Ele concluiu com a confortável garantia de que a análise não é um processo sem fim, mas um processo que pode receber um fim natural, com perícia e paciência suficiente por parte do analista. Demonstra ainda o importante ponto de que o êxito depende muito de o analista ter aprendido o suficiente de seus próprios erros e equívocos e ter levado a melhor sobre os pontos fracos de sua própria personalidade”.

É neste aspecto que Freud se ancora para interrogar a resistência pelo lado do analista [o que Jacques Lacan soube fazer como ninguém ao interrogar a análise didática]. Qual o padrão de normalidade psíquica exigível de alguém que decide ocupar a função de conduzir um tratamento em psicanálise? O mestre Freud não fugiu da raia e decidiu enfrentar a questão.

Contra os argumentos dos opositores, sustentou que “os analistas são pessoas que aprenderam (sic!) a praticar uma arte específica; a partir disso, são seres humanos como quaisquer outro”. Comparando com a prática médica, concluiu: “é razoável esperar de um analista, como parte de suas qualificações, um grau considerável de normalidade e correção psíquica. Além disso, ele deve possuir algum tipo de superioridade, de maneira que, em certas situações analíticas, possa agir como modelo para seu paciente é, em outras, como professor. E, finalmente, não podemos nos esquecer

que o relacionamento analítico se fundamenta no amor a verdade e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano”.

Após alinhar a terapêutica analítica às outras duas profissões do impossível [governar e educar] concluiu: “não podemos exigir que o analista seja um ser perfeito antes que venha assumir a função de conduzir o tratamento de outro que demande análise. Mas onde e como pode o infeliz pretendente a analista adquirir as qualificações ideais de que necessitará em seu trabalho? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa sua preparação para a futura atividade. Por razões práticas, essa análise só pode ser breve e incompleta. Essa análise terá realizado seu propósito se oferecer uma firme convicção da existência do inconsciente, se o capacitar, quando o material recalcado surge, a perceber em si mesmo coisas que de outra maneira seriam inacreditáveis. Só isso não bastaria. No entanto, encontrando apoio no que adquiriu em sua própria análise, a análise não cessa. O remodelamento do ego prossegue espontaneamente no indivíduo analisado. Isso de fato acontece é, na medida em que acontece, o qualifica para ser, ele próprio, analista”.

Finalizou indicando que “todo analista deveria periodicamente - com intervalo de aproximadamente de 5 anos - submeter-se mais uma vez à análise, sem se sentir envergonhado por tomar esta decisão. Isso significaria, portanto, que não seria apenas a análise terapêutica dos pacientes, mas sua própria análise que se transformaria de tarefa terminável em interminável”.

7 – Conclusão: a saudação de Freud ao amigo Ferenczi

Para concluir esta incursão cartográfica sobre a correspondência, destaco dois breves textos que demonstram o legado à história das posições de Freud sobre Ferenczi.

Em 1923, o psicanalista húngaro completou cinquenta anos de vida e, como de costume na época, Freud redigiu-lhe uma saudação. Iniciou narrando o histórico encontro do jovem médico neurologista e especialista em medicina legal com a psicanálise através da leitura da *Interpretação dos Sonhos* em 1908. Descreveu aspectos biográficos de sua atuação no movimento psicanalítico nos últimos dez anos, “em que se tornou, ele

próprio, mestre e professor de psicanálise”. O primeiro encontro pessoal, numa visita à Freud em Viena, “foi sucedido por uma longa, íntima e até hoje imperturbada amizade”.

No II Congresso em Nuremberg (1910) Ferenczi fez sua entrada oficial no movimento psicanalítico, propondo e ajudando a fundação da IPA; foi um dos grandes defensores da causa freudiana frente o desprezo com que a análise era tratada pelos médicos. Foi eleito presidente da IPA no V Congresso em Budapeste (1918) e fundador da Sociedade Psicanalítica de Budapeste, tornando esta cidade a capital da psicanálise na Europa: “sob sua orientação tornou-se um centro de trabalho intenso e produtivo; e distinguiu-se por acúmulo de capacidades de todas as demais filiais da psicanálise”.

Em meio a narrativa dos feitos de Ferenczi, uma interpretação se destaca: “sendo o filho do meio numa grande família, teve de lutar com o poderoso complexo fraterno, tornou-se, sob influência da análise, um irmão mais velho irrepreensível, um professor bondoso e um provedor de talentos jovens”.

As *Conferências Populares de Psicanálise*, publicadas por Ferenczi em 1922, foi reconhecida por sua “escrita de forma fascinante, clara e formalmente perfeita, e é a melhor Introdução a Psicanálise disponível aos que ainda não estão familiarizados com ela. Seus escritos o tornaram universalmente conhecido e apreciado”.

Os superlativos, próprios numa saudação de destaque das virtudes de um grande homem, estão presentes na escrita de Freud: “sua realização científica é impressionante, sobretudo em virtude de sua multilateralidade” e seu trabalho é destacado nos casos clínicos bem escolhidos: exemplares e polêmicos contra os que se desviaram da rota traçada. “Sua originalidade (imaginação científica bem dirigida, riqueza de ideias) se demonstrou em *Introspecção e Transferência* de 1909, no qual “ampliou importantes sessões da teoria psicanalítica e promoveu a descoberta de situações fundamentais da vida psíquica e criou uma abordagem nova chamada terapia ativa”.

Concluiu: “por incompleta que seja essa enumeração, seus amigos sabem que Ferenczi reteve até mais do que tinha sido capaz de comunicar. Em seu quinquagésimo aniversário, eles estão unidos para desejar que lhe

possa ser garantida força, lazer e disposição psíquica para trazer seus planos científicos à efetivação em novas realizações.”

Dez anos depois, Freud escreveu o obituário do amigo querido que neste intermezzo havia se afastado e rompido com aquele a quem se propôs não medir esforços para estar em pé de igualdade.

Retornou às felicitações do quinquagésimo aniversário onde Freud pode “louvar publicamente sua versatilidade e originalidade, sua riqueza de dotes; mas descrição adequada de um amigo me impediu de falar da personalidade afetuosa, amável, aberta para tudo significativo”. Relembrou a viagem à América em 1909: “eu lhe pedia sugestões sobre o que deveria falar e ele me fazia um esboço, que meia hora depois eu desenvolvia, numa exposição improvisada. Assim ele participou da gênese das Cinco Conferências proferidas na Clark University”.

No Congresso de Nuremberg em 1910 “eu próprio o incumbi da organização dos analistas numa Associação Internacional tal como vigora até hoje. Por vários anos passamos juntos as férias de outono na Itália e vários ensaios que fazem parte da literatura psicanalítica nasceram nestes passeios. Quando irrompeu a grande guerra ele iniciou sua análise comigo. O sentimento de tranquilidade que compunha comigo não foi perturbado quando, já tarde na vida, é verdade, ele se ligou à excelente mulher (Frau G.) que hoje o pranteia, sendo sua viúva”.

Destacou ainda que “a maioria de seus escritos converteram muitos analistas em seus discípulos. Na minha opinião, sua maior contribuição surgiu em 1924: *Talassa - Ensaio de uma teoria da genitalidade*; uma aplicação da psicanálise à biologia dos processos sexuais, talvez a mais audaciosa aplicação que jamais se tenha feito. Após essa realização culminante, aconteceu que gradualmente nosso amigo se afastou. A necessidade de curar e ajudar tornou-se nele predominante. Provavelmente ele se impôs metas inalcançáveis com os meios terapêuticos de hoje. É impossível imaginar que a história da nossa ciência o esqueça algum dia”.

Referência Bibliográfica:

Correspondência Sigmund Freud & Sándor Ferenczi. Volume I – Tomo I (1908-1914) e volume I – Tomo 2 (1912-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1994. [o projeto de tradução de toda correspondência no Brasil naufragou por razões que ignoro e, lamentavelmente, ficou incompleto e com edição esgotada a muito tempo]

The Correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi. Volume 1 (1908-1914 [1993]); volume 2 (1914-1919 [1996]); volume 3 (1920-1933 [2000]). Translated by Peter Hoffer. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press.

FREUD, S. (1937 [1975]). “Análise terminável e interminável”, in: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1923 [1975]). “Dr. Sándor Ferenczi em seu 50º aniversário”, in: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1933 [1994]). “Sándor Ferenczi”, in: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago.

ANDRÉ, S. “Freud e Ferenczi: fracasso e sucesso da transmissão” e “Ferenczi, vítima ou carrasco?” in: *A Impostura Perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CHAUVELOT, D. “Em torno de Freud - seu bando” in: *Por Amor a Freud*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

COTTET, S. “Uma sexta psicanálise de Freud: o caso Ferenczi” in: *Ornicar? 1-De Jacques Lacan a Lewis Carroll*. Jacques-Alain Miller (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GAY, P. “Os estrangeiros” e “Troféus e Obituários” in: *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

RICCI, G. “A segunda Europa”, in: *As cidades de Freud: itinerários, emblemas e horizontes de um viajante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ROUDINESCO, E. “O movimento psicanalítico internacional” in: *História da Psicanálise na França - vol.1 A Batalha dos Cem anos 1885-1939*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

A ESCRITA DE CASO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS

RITA DE CÁSSIA SEGANTINI BONANÇA
Tykhe Associação de Psicanálise
rcbonanca@terra.com.br

“...não se pode escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte do que si mesmo para abordar a escrita... o escrito é o grito das feras noturnas, de todos, de você e eu, o grito dos cães...”
Marguerite Duras (p.23)

A escrita deste trabalho é antes de tudo uma convocação - convocação enquanto ato de chamar um ou mais indivíduos para participar de uma reunião ou uma assembleia para deliberar sobre uma questão importante. É uma urgência, uma necessidade e uma tentativa de organizar um turbilhão de experiências e angustias que o trabalho da clínica com crianças produz. Questões e conflitos que se originam na busca de dar contornos ao indizível que nem sempre a teoria, a análise pessoal e a supervisão conseguem apaziguar. Faz-se imperativo que algo do corpo como diz Duras, a escrita, consiga abordar.

Quando uma criança adentra ao nosso consultório, desorganiza tudo: o consultório, os brinquedos, os papéis, os nossos saberes e as nossas ideias. Quase sempre nos é trazida pela mãe e carrega para além do seu sintoma a queixa dos pais, dos professores ou dos cuidadores.

Essa desordem revela antes de tudo que a criança não é o paciente para o qual a psicanálise foi criada. Primeiro porque a criança não vem por si mesma, é trazida; e segundo porque não nos procura para falar de sua problemática. Algumas vezes ela quer somente brincar, em outras ela quer simplesmente ir embora e às vezes surge uma pergunta: A aula vai demorar?

A criança, de fato, não é objeto da psicanálise e sim o sujeito e, em sendo assim, a possibilidade que se apresenta ao analista é de atender a criança, mas apontando para o sujeito. O sujeito da estrutura: real, simbólico e imaginário, que se amarra borrome/anamente. A criança sugere um problema real o que implica, nessa linha de pensamento, uma solução possível a partir de intervenções. Intervenções, no plural, não por se tratar de várias, mas sim nos três registros: real, simbólico e imaginário.

Falar de crianças ou falar da criança em psicanálise implica em não retroceder ante o real. Cada vez que nos deparamos em nossa prática com algo não subsumível, ou seja, impedido de ser incluído ao saber teórico, estamos ante um real. De que real se trata?

Quando a criança chega ao consultório não apresenta uma neurose de transferência como o adulto, nem a conformação fantasmática configurada. Ela está se estruturando e vem com uma problemática ainda maior para o analista: a transferência deve ser compartilhada com os pais.

Desde a criação da psicanálise por Freud, muitas foram as tentativas de estabelecer uma clínica psicanalítica de crianças. Uma experiência primeira foi arriscar subsumir esse real ao simbólico conhecido e propor que a criança pudesse ser analisável do mesmo modo que um adulto. Klein, por exemplo, equipara a técnica do brincar aos sonhos e a interpreta no mesmo sentido. O caminho de Anna Freud segue por intervenções previas na linha pedagógica, porque para ela a criança não é analisável. Seguindo essa proposta a criança fica na condição de um real não abordável pela psicanálise.

Para que o analista consiga avançar na formalização de uma clínica psicanalítica com crianças é necessário que ele possa se desembaraçar de uma série de preconceitos escolásticos. Isso implica abandonar uma série de saberes, definições e conceitos pré-estabelecidos determinantes de certos padrões no que se refere às expectativas sobre o desenvolvimento e o tratamento de uma criança. O que está em jogo na clínica com crianças, mais que a idade são os tempos de estruturação do sujeito: tempos do simbólico, tempos do imaginário e tempos do real, e eles são perfeita e finamente delimitáveis.

Ser uma criança para o Outro desde sempre, implica uma operação. Isto não está dado e é bem possível que um vivente nunca chegue a ter um lugar de criança no Outro, algumas são tão incômodas que chegam mesmo a condição de descartadas. No decorrer da sua obra Freud situa a criança de diferentes formas no que se refere ao lugar que ocupa junto a um Outro: em 1914 (narcisismo) a criança aparece como objeto relativo ao narcisismo dos pais; em 1917 ele a situa na equivalência ao falo; 1919 a criança pode ser objeto no fantasma do adulto (Uma criança é espancada).

O trabalho, o estudo e a pesquisa das questões que se impõe na clínica psicanalítica com crianças possibilita destacar uma condição que distingue e ao mesmo tempo revela a importância da **escrita de caso** para o analista que trabalha na clínica com crianças. Sempre que buscamos um autor ou um trabalho para consulta o que encontramos são algumas formulações teóricas e em seguida relatos, recortes e vinhetas de casos clínicos que dão a sustentação necessária para a argumentação proposta pelo texto e seu autor. Esse fato coloca em evidência o imperativo que se estabelece aos psicanalistas de transmitir uma experiência, ou melhor, um saber que se constituiu na experiência.

Jean Allouch afirma em seu livro a “Clínica do Escrito” que a escrita da clínica pode ser definida como um testemunho indireto sobre certas condições. Lacan é aquele que lê com o escrito e, segundo Allouch, uma clínica do escrito é aquela onde a leitura é confiada ao escrito, se faz vítima do escrito, aceita deixar o escrito conduzir seus passos.

Diante do desafio de atender uma criança com dois anos, praticamente um bebê, senti necessidade de buscar elementos para estruturar os atendimentos, uma vez que eles deveriam acontecer com a presença da mãe pois a pequena não suportava sua ausência. Minha investigação caminhou na direção de encontrar o escrito que conduzisse meus passos nesse trabalho.

Quando procuramos constituir um saber em psicanálise nos deparamos com as questões que envolvem a transmissão. Transmitir um saber teórico e ao mesmo tempo inédito não é algo que se possa fazer sem

uma implicação com o que se quer transmitir. Freud, segundo Porge (2009), escreve utilizando o recurso literário da forma romanesca para transmitir a verdade de sua clínica. A publicação do relato de caso constitui, para Freud, a afirmação de seu desejo, além da terapêutica. Para ele, não se trata de transmitir a verdade de um sujeito a partir de suas formações inconscientes, para que obtenha um “ganho de prazer”, como romancista, mas porque esse movimento participa ativamente do acesso a um saber inédito.

Lendo e relendo alguns autores foi possível constatar que para os comprometidos assim como Freud, não se trata de encontrar um bom caso para publicar ou de uma especulação pela própria especulação, mas o desejo de melhor orientar-se na prática. Freud é um psicanalista, e a grande diferença entre o psicanalista e o escritor de casos é que o primeiro não busca somente transmitir a verdade, mas também um saber que tem uma visada científica. Trata-se de uma articulação entre os planos da verdade e do saber como tal.

Rosine Leforf em seu livro “*O nascimento do Outro*” relata o atendimento de um bebê de 13 meses asilado e intitula o caso de “*Nádia ou o espelho*”. A autora toma a escrita deste caso para relatar a experiência e o seu trabalho em produzir uma re-estruturação subjetiva e uma re-constituição do Outro. Sua aposta se organiza em promover a retirada da criança da situação de doença e do atraso do seu desenvolvimento, trazendo-a para a realidade. Leforf descreve como fazia uso de determinados objetos tais como: prato de mingau, mamadeira, biscoito, bonecos, carrinhos e outros tantos, na tentativa de estabelecimento de um laço pela transferência como um Outro acolhedor.

Lefort propõe ao analista o lugar de Outro acolhedor o que parece algo inovador. Temos aqui uma proposta peculiar de tratamento, por meio do qual o ato analítico é efetuado através da técnica utilizada e, sobretudo, pela transferência.

“Nádia me coloca num lugar onde ela me demonstra o caráter real de meu corpo (...) é deste lugar que vou me deixar interpelar por ela, escutar o que ela tem a dizer, dizer a morte para poder viver; (...) a me colocar no diapasão de seu drama, a lhe permitir bascular

em minha direção a um lugar onde seu drama pode se dizer e ser ouvido. (...) É preciso que eu esteja presente e que eu encareça o seu gesto pelo que eu lhe digo, para que um sentido comece a emergir."

Winnicott é um autor que também se utiliza da escrita de caso para relatar sua experiência no que se refere a presença dos pais na clínica com crianças. Em *"The Piggle – relato do tratamento psicanalítico de uma menina"* ele descreve com detalhes as sessões do tratamento de uma menina de dois anos e quatro meses. O atendimento foi solicitado pelos pais logo após o nascimento de uma irmãzinha. O processo transcorreu entre atendimentos no consultório e cartas dos pais escritas pela mãe da menina para Winnicott. Nas cartas ela relata suas observações sobre as manifestações e mudanças no comportamento físico e emocional da filha.

Na quarta sessão há uma descrição bastante interessante de uma cena em que menina sobe no colo de seu pai e escorrega por entre suas pernas encenando seu nascimento. Winnicott relata que foi um esforço físico muito grande para o pai. A menina repetiu a cena e os movimentos várias vezes como em um jogo.

"Minha experiência clínica é um tanto variada. Nunca me afastei inteiramente daquele que foi o meu ponto de partida, a prática pediátrica. Foi muito valioso para mim estar em contato com a pressão social à qual eu tinha de responder enquanto médico num hospital de crianças. Ao mesmo tempo, apreciei bastante o permanente desafio da prática provada e das consultas terapêuticas. Tais atividades proporcionaram-me a possibilidade de aplicar de modo amplo o que eu vinha aprendendo através da prática psicanalítica propriamente dita."
(p.62)

Um consenso entre os analistas de criança encontra-se na importância de situar nas entrevistas com os pais **o que é uma criança para eles**. Ao fazê-lo, também será possível localizar o nosso lugar na transferência, pois ela irá depender do tipo de objeto que criança é para os pais: de desejo, de amor ou de gozo. Teremos dessa forma vertentes de transferência distintas: predominantemente simbólica – os pais vêm e consultam, tem uma pergunta e procuram saber; imaginária – os pais vêm, mas, não consultam, e sim, demandam; e por último a vertente real - os pais

vêm muito incomodados, não consultam, não demandam, os mandam: a escola, o juiz, o pediatra.

Vários são autores e suas propostas, experiências e teorias – Freud, Dolto, Mannoni, Jerusalinsk, mas sempre encontramos a transmissão feita pela escrita de um caso e o relato do conhecimento ali produzido e os efeitos e resultados conquistados.

Encontramos ainda analistas que trabalham exclusivamente com os pais e consideram que tudo o que ocorre com a criança é determinado por eles; outros trabalham exclusivamente com as crianças.

Um autor argentino, psicanalista, que dedica seu trabalho e sua escrita à psicanálise com crianças, trouxe para esse estudo uma contribuição que por um lado angustia e por outro apazigua. Angustia porque ele afirma que a clínica psicanalítica com crianças se trata da "clínica da invenção", ou seja, não temos um terreno firme para fincar nossas ações, e por outro lado apaziguamento porque suas palavras definem este tema como espinhoso, aquilo que causa desconforto. Pablo Peusner em seu livro: *"O dispositivo da presença dos pais e parentes na clínica psicanalítica lacaniana com crianças"*, diz o seguinte:

"Como costumo dizer, há temas malditos em psicanálise (mal/ditos): são temas dos quais ninguém quer falar." "São temas esquivos, alguns sentem que vão discerni-los mas eles escapam e escorregam." (p.11) "Se acaso Freud alguma vez fez um comentário sobre esse assunto, Lacan jamais falou especificamente da presença de pais e parentes na clínica psicanalítica com crianças" (p.12) "É absolutamente impossível, não existe nenhuma probabilidade de que possamos tomar uma citação de Freud ou de Lacan para apoiar uma articulação" (p.13) "Porque se trata estes temas como malditos, porque justamente não está disponível nos discursos dos mestres, há de se inventar. Há de se propor algo de único, de novo, há que se tenha de construir algum tipo de fala, abrir um campo de saber, tentar construir uma articulação clínica para verificar o que se está propondo. No entanto, isso também é muito perigoso, porque nos sentimos tentados todo o tempo a abandonar a psicanálise clássica para terminar propondo uma teoria própria." (p.13, minha tradução)

Parece que podemos incluir a questão da presença dos pais na psicanálise com crianças como uma abordagem intransmissível na dimensão

apresentada por Érik Porge em seu livro *“Transmitir a clínica psicanalítica”* “Apresentaremos algumas abordagens que nos farão concluir que o intransmissível está no coração do desejo de transmitir, não como inefável perdido nas areias do deserto, **mas como soleira para a invenção**” (p.15)

Podemos concluir assim, que a escrita de caso clínico é uma produção importante, fundamental e necessária para os analistas que atendem crianças.

O caso cumpre sua função de transmitir simultaneamente a teoria e a clínica psicanalítica. A forma de transmissão é da ordem da invenção, da fantasia, da ficção. Aquilo que é intransmissível pela teoria, se transmite pelo relato de caso porque a falta aparece na cena como **ato**.

Enquanto analistas comprometidos com a clínica de crianças o que nos compete antes de tudo é escutá-las, mesmo que a criança não tenha o domínio da linguagem. A aposta e o desafio – desafio no sentido de chamamento, de incitar alguém para qualquer modalidade de jogo, é escutá-la em cada movimento, em cada brincadeira, em cada som e em cada gesto.

...o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética. (Freud, 1908, p.135)

Reproduzo um trecho de um diálogo de Hans com o pai:

P. – De que é que você estava brincando com sua boneca?

H. – Eu separei bem suas pernas. Você sabe por quê? Porque havia uma faca dentro que pertence a mamãe. Eu a coloquei dentro, no lugar em que o botão faz gemer, e depois eu separei suas pernas e faca apareceu lá.

P. – Por que é que você separou as pernas da boneca? Para que pudesse ver o pipi dela?

H. – O pipi dela estava lá antes; eu poderia tê-lo visto antes, de qualquer modo.

P. Para que foi que você botou a faca lá dentro?

H. Não sei.

(Freud, 1909, p. 80)

Cabe ao analista, na clínica com crianças, diante das queixas e da problemática familiar, ocupar o lugar de um leitor anônimo das ficções da criança, um terceiro convocado a ler o sintoma que se apresenta. Curioso assim como os espectadores, atento para escutar e capaz de se surpreender.

É imperativo um espaço que possibilite uma dialética do desejo, uma surpresa, um lugar onde o jogo possa acontecer sem previsibilidade. Um palco para que a criança possa colocar em cena e encenar sua criação imaginativa, aquilo que Freud (1908) chama de *“Spiel”* – peça, onde as formas literárias podem ser representadas.

Referencias Bibliográficas:

ALLOUCH, J. “Clínica do Escrito” Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2007

DURAS, Marguerite. Escrever. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23.

FREUD, S. (1907-1908[1996]). “Escritores Criativos e Devaneio”, in: Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1909[1996]). “Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos”, in: Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud, vol. X. Rio de Janeiro: Imago.

LEFORT, R. e LEFORT, R. “O nascimento do Outro”. Salvador: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1984.

PEUSNER, P. “El dispositivo de presencia de padres y parientes en la clínica psicoanalítica lacaniana com niños”. Buenos Aires: Letra Viva, 2010.

PORGE, E. “Transmitir a Clínica Psicanalítica Freud, Lacan, Hoje”. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

WINNICOTT, D.W. “The Piggie: relato do tratamento psicanalítico de uma menina.” Rio de Janeiro: Imago, 1987.

A FUNÇÃO DO ESCRITO: UMA LEITURA

DEBORAH STEINBERG

Tykhe Associação de Psicanálise
dsteinberg@uol.com.br

*Sim, vejo a cena, vejo a mão,
Ela sai lentamente da sombra,
da sombra de minha cabeça,
e então corre de volta,
isso não tem nada a ver comigo*
(Samuel Beckett)

Qual motivo haveria Lacan de incluir um capítulo sobre escrito em seu seminário de nº 20, Encore, Mais ainda, onde ele aborda a feminilidade?

Logo no início deste capítulo, intitulado 'A função do escrito', Lacan (1972) diz que entrará no assunto, *muito suavemente*. Ele diz isso com sua peculiar malícia porque sabe que vai acabar falando de foder. Foder, no sentido que usamos quando constatamos que algo não deu certo ou que aquilo vai mal, ou nem vai. Fodeu! Fiquei muito em dúvida se iniciaria este texto da função do escrito, escrevendo justamente a palavra Fodeu! Achei que poderia não trazer bom agouro, titubiei, desisti, mas não resisti. Justifico: fato é que Lacan brinca que aí aonde fodeu, onde a coisa não vai, é justamente aí que entra a psicanálise. E não só, ele insiste ainda com esse tema ao dizer que não há relação sexual.

Paradoxo.

A função do escrito é cara à Psicanálise desde sua invenção por Freud, reconhecida não apenas pela vasta obra publicada, mas com destaque especial aos casos clínicos e seu marcante estilo literário.

De todos seus casos publicados, nos chega como pérola o único manuscrito misteriosamente por ele guardado - os demais ele se desfez ao serem publicados. Menos este, do famoso Homem dos Ratos, que ao ser encontrado, pós morte, foi publicado mais tarde pela edição inglesa, traduzido para nós

pela Imago. Lá, encontramos Freud no instante da escrita, sob impacto do encontro - ele escrevia ao final de cada sessão. Podemos supor que Freud, ao manuscrever ao final de cada sessão, já teria a intenção de publicar? Se sim, ali já haveria a presença de um leitor, um terceiro. Presença esta que dá o sentido, a direção da escrita.

O escrito adquire valor tal para Lacan, que ele nomeia seus textos, ao publicá-los, não sem sua sagaz ironia, de nada menos do que *Escritos*. E vai além (ou aquém) : diz que seus Escritos não são para serem compreendidos, são para serem lidos, são publixos. Ademais ele se alinha com Joyce não em sua poesia, mas no que tange à impossibilidade de lê-lo. Trataremos dessa questão mais à frente.

Acho importante destacar aqui como Lacan posiciona-se em relação à Freud, à Freud não, só temos os textos de Freud, portanto e é em relação aos seus escritos que ele posiciona-se como leitor. E o retorno à Freud seria nada menos que sua leitura de Freud, aguda, precisa, rigorosa. Eis a função do escrito: o que se lê naquilo que se ouve.

Ao longo do seminário 20, onde Lacan (1972), justamente se propõe a falar da sexualidade feminina, do gozo feminino para além do gozo fálico, o tal outro gozo, o gozo suplementar, o ainda mais; ele dedica um capítulo à função do escrito. Goteja, ele *paraleleia*, alinha escrito com a sexualidade feminina. Não é o primeiro, muito menos o único a aproximar a mulher do escrito. O poeta John

Donne, por volta de 1600, já havia escrito o poema "Elegia: indo para o leito", vocês lembrarão, foi traduzido por Augusto de Campos, musicado por Péricles Cavalcanti e cantado por Caetano Veloso, segue um trecho:

...Como encadernação vistosa, feita

Para iletrados, a mulher se enfeita;

Mas ela é um livro místico e somente A alguns (a que tal graça se consente)

É dado lê-la...

Lacan (1972) diz na p. 88: "É preciso ler primeiro, ler não nos obriga de modo algum a compreender".

Se nessa frase colocarmos a mulher do poema: é preciso ler primeiro, ler não nos obriga de modo algum a compreendê-la, fica evidente onde Lacan situa a função do escrito.

Na clínica assim também se passa. É preciso ler o que o paciente fala e isso não nos obriga de modo algum a compreender. Pelo menos não com tanta pressa, como somos advertidos.

Lacan (1972) usa a literatura de Joyce, mais especificamente em *Finnegans Wake*, para revelar o que está em jogo na clínica. Lá, em *Finnegans*, “o significante vem recheiar o significado” (p.51). E segue dizendo: “É pelo fato dos significantes se embutirem, se comporem, se engavetarem que se produz algo que, como significado, pode parecer enigmático, mas que é mesmo o que há de mais próximo daquilo que o analista, graças ao discurso analítico, tem de ler - o lapso. É a título de lapso que aquilo significa alguma coisa, quer dizer, que aquilo pode ser lido de uma infinidade de maneiras diferentes” (p. 52).

Tal diretriz não deixa de ser um convite para nos colocarmos numa posição incomum em relação ao outro, não como espelho, condição da boa comunicação, como um interlocutor que a tudo entende e meia palavra basta, e segue o discurso corrente, o “discorrente”, que gira, gira, gira e não sai disso. Todavia o convite é para ocuparmos um outro lugar, outro campo, portanto outro discurso, discurso discordante do corrente, o discurso da psicanálise.

O discurso analítico não é outra coisa senão um modo de relação, novo, fundado naquilo que funciona como fala e que se dá num determinado campo. É nesse discurso que Lacan tentará precisar a função do escrito.

Ainda que fundado na fala, a função do escrito é diferente também do campo onde ela, a fala, se produz. A fala se dá de maneira espontânea, é marcada pelos atos falhos, esquecimentos, lapsos, enfim lugar privilegiado para as formações inconscientes acontecerem, o quê não é comum ocorrer na escrita.

É a função do que se lê naquilo que se fala que podemos situar a escrita e o discurso analítico. Lacan o situa pela letra a minúscula. O discurso do analista é marcado pela letra a minúscula, objeto causa de desejo, mas ele

só é possível, na medida em que esteja escrito e articulado em relação ao Outro, a outros significantes, que definem não o Eu do analista, mas o lugar que ele ocupa.

Seguem as letras que pela escrita definem um lugar:

a (objeto a)	S (sujeito barrado)
S2 (cadeia significante)	S1 (significante mestre)

Os lugares são:

O agente (a)	o outro
A verdade	a produção

E como um discurso só se articula em relação ao Outro, tomarei como referência o discurso pelo qual pôde se dar o discurso do analista, aquele por onde nasceu a psicanálise, ou seja, o discurso da histérica:

No lugar do agente, temos o sujeito barrado (S), o sujeito dividido. No lugar do outro, temos o significante mestre (S1). Abaixo do sujeito barrado, sob a barra do recalque, no lugar da verdade, encontramos o objeto causa de desejo, famoso objeto a (a). E abaixo da barra do outro, do S1, no lugar da produção temos a cadeia significante, S2.

S	S1
a	S2

São as letras e os lugares que elas ocupam que se define o modo de relação, o laço social. Essa é uma escrita do Lacan: letras que definem a partir do lugar, um determinado discurso e mais, podem, num giro mudar de posição. Essa é a possibilidade da análise: o agente, sujeito, mudar de posição.

Não se deu a toa a invenção da Psicanálise por Freud, via discurso da histérica. Foi pelo que Freud leu naquilo que ouviu na demanda (de amor) das histéricas, sujeito barrado, que se revelou o desejo inconsciente e sua linguagem. É pela fala da histérica que Freud inventa-escreve a Psicanálise e é pela letra que Lacan reescreve e cria o discurso da histérica e do psicanalista.

Exatamente aí que localizamos e inscrevemos a transferência.

Estamos no domínio de Eros, do amor, do Um. Na análise só lidamos com isso, e ela só se opera pela via do amor, pelo amor de transferência. Transferência esta estabelecida pela suposição de saber do analista. Eu amo aquele que eu suponho saber sobre mim.

Já que seguimos com Lacan (1972) que o inconsciente se estrutura como a linguagem. “O Um, a completude, devemos interroga-lo no nível da língua.” E no nível da língua, pela linguística, já reconhecemos a separação entre significado e significante. Lacan diferencia o discurso do analista do discurso científico, da linguística, ao enfatizar que não só há uma separação entre significado e significante, como não há relação alguma entre um e outro, nada, nem o aleatório, apenas S/s, não há relação entre eles, apenas há barra entre eles. Ou seja, o significado não é colado ao significante, não é casado com ele, assim como o homem não é colado à mulher, no máximo ele pode tentar ser uma tampa da panela aberta- sintoma-boca dela. E surge uma das famosas frases provocação de Lacan que diz que não há relação sexual. Não há possibilidade de fazer Um, a não ser na psicose, mas isso é outra história. Daí o bom uso do fodeu como aquilo que não vai bem, aquilo que não anda que se trata na psicanálise. Entre homens e mulheres, a coletividade, o coletivo para usar a palavra da hora, a coisa não vai. “Na medida em que a coisa não vai, ela vai assim mesmo graça a certo número de interdições, inibições, convenções que são efeitos de linguagem”, diz Lacan.

A mulher insiste em ser não toda lida, não ser toda fálica, mantendo sempre algo que escapa ao discurso. E isto é escrito, por Lacan, pela barra de separação entre significante e significado. A barra de separação permite deslizar os significantes, fazendo com que o significado se modifique. É só porque há essa dimensão do escrito, a barra, que notamos que o significado não tem nada a ver com o que se ouve, mas “com o quê se lê daquilo que se ouve”, como diz Lacan.

E continua: “A barra é precisamente o ponto onde em qualquer uso da língua, se dá oportunidade de que se produza escrito”. (p. 48) É só porque tem uma barra, uma separação, uma divisão que algo pode ser escrito.

Lacan (1972) nos indica da análise: “que ali estamos diante de um dizer que é o dizer de um outro que nos conta suas besteiras, seus embaraços, seus impedimentos, suas emoções e, que é nisto que se trata de ler o quê? – nada, senão os efeitos desses dizeres” (p. 63).

Mas não só o que se lê daquilo que se ouve está em funcionamento na função do escrito no discurso analítico. Há uma outra dimensão da função do escrito para psicanálise: define e articula o lugar do psicanalista no laço social. Entendase laço social a partir de uma das definições de inconsciente do Lacan que diz que “o inconsciente é o social”. Não basta que haja uma leitura, ou mesmo uma boa leitura do analista, em sua clínica. Se aquele escrito não se articular como linguagem no laço social, entre aqueles que falam, inclusive com outros discursos, o discurso analítico não se sustenta.

E aqui entramos em outra categoria do ler o escrito, o reler-se, ler-se depois, novamente, momentos de tensão, palpitação. Representa uma dimensão da função do que se lê e nunca se dá sem susto, seja por não se reconhecer mais naquelas palavras, seja por temer encontrar besteiras. E besteiras (até isso Lacan circunscreve) ele as define pelo encontro com algo que não poderia mais se sustentar. Mas voltar ao que se escreveu está na dimensão do que se lê daquilo que se escreveu e escrever está na dimensão do dizer. Escrever não é da mesma ordem do dizer, ainda que o escrito passe pelo dizer, ele se inicia no dizer. Seria então, o escrito do mesmo campo do significante? Segundo Lacan (1972), não: “a escrita não é da mesma cepa, do mesmo registro que o significante”(p.41). O significante está na ordem do discurso científico, introduzido pela linguística e pelo que parece, é do registro do simbólico. Já o escrito estaria na categoria da letra e, letra é da materialidade do real.

Sabemos que nesse jogo de linguagem da Psicanálise que passa pela fala, leitura e escrita, a suposição de saber em que o sujeito veste seu analista é uma condição para que o sujeito fale, para que se dê a transferência. Sim, mas nesse jogo da linguagem, Lacan revira a suposição de saber, ao estabelecer que para que haja uma boa leitura é preciso dessupor o saber, como condição de uma boa leitura. Ele diz isso a respeito de um livro chamado “O Título da Letra” escrito por dois autores, Laberthe e Nancy (1991), que traduz, apresenta uma leitura do texto *A Instância da Letra no inconsciente*

ou a razão desde Freud, pronunciado por Lacan em maio/57 na Sorbonne a pedido do Grupo de Filosofia da Federação dos Estudantes de Letras e publicado posteriormente, ainda em 57. Está publicado nos Escritos. Os autores, Lacan não os conhece não são seus seguidores, pelo contrário, parece terem o objetivo de contestá-lo. E Lacan lamenta que de “certo modo não foi jamais tão bem lido”, nem pelos mais próximos. Sem entrar no mérito da questão, nem tampouco generalizar o feito, chama a atenção o lugar distante dos autores, o desencanto e por que não, o desassombro necessário para que possamos sair do lugar especular de quem muito admira para se fazer uma boa leitura. Como analista, seria equivalente sair do lugar desse suposto saber – especular para poder melhor leitura se revelar?

Mas aqui estou entrando num outro capítulo e como indica os tais autores, “a condição de uma leitura é evidentemente que ela imponha limites a si mesma” (p.88).

Para concluir, retorno ao que Lacan (1972) diz de seus Escritos: “o escrito não é algo para ser compreendido”, precisa de um outro que articule isso no discurso. Seu recado entoa que não se faz leitura em Psicanálise, sozinho, para si mesmo. É preciso que haja um outro que traduza seus escritos ou ao menos leitores a quem se possa transmitir-lhe, já que a Psicanálise, não se realiza sem o outro, se realiza na sua transmissão. É nesse sentido que Lacan pub-lixo (pouco-muito se lixa) para a compreensão de seus Escritos. Há que haver alguém que os explique e o público, leitor, a quem possa haver transmissão da Psicanálise. Há que haver tradutor para o escrito, o que seria da tradução de Joyce sem o Augusto? Tal qual à mulher como livro místico precisa de alguns a que tal graça se consente para lê-la, como diz o poeta. Poderíamos dizer que ao escrito, tal qual a mulher, também carece de alguns a que tal graça se consente à sua leitura?

Referências bibliográficas

ALLOUCH, J. (1995) – Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

CAMPOS, Augusto de (2001) – Panaroma do Finnegans Wake- James Joyce/ Augusto de Campos, Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva.

DONNE, John- Elegia: Indo para o leito: trad: Augusto de Campos. In: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pidp/pidp010767.htm>

FREUD, Sigmund (1909 [1996]) - Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In Edição Standard brasileira das Obras Completas, v.X. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, Jacques (1972-73 [1985])- O seminário- livro 20: Mais Ainda, trad. Magno M.D. - 2ª edição – Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora.

NANCY, Jean-Luc (1991) - O título da letra: uma leitura de Lacan/ Jean-Luc Nancy, Philippe Lacoue-Labarthe; trad. de Sérgio Joaquim de Almeida. São Paulo: Escuta.

“O que se escreve na escrita de casos clínicos?”¹

MARTA TOGNI FERREIRA
Tykhe-Associação de Psicanálise
martatferreira@uol.com.br

“Basta que eu abra os olhos na escuridão para que aqueles eventos que não são mais meus me arrastem. Eu os atraio para mim, com apelos lisonjeiros e enganosos, e ordeno que esperem o momento de chegar sua vez, enquanto vou reativando-os aos poucos pelo rastro pulsante da palavra escrita. Mesmo se, na verdade, já não resta mais nada daquilo que vivi... Afinal, nos é permitido viver somente na instância do gesto: logo que ele é apagado pelo ar e arquivado pela memória, esse deixa de existir. Resta a palavra, que o retoma, falsificando-o.” (Mincu, p.73)

Assim escreve o Drácula em seu Diário, interrogando-nos sobre o que acontece nesse intervalo entre *a instância do gesto* perdido para sempre e a reativação disso que foi perdido, pelo *rastro pulsante da palavra escrita*.

O autor romeno Marin Mincu, em “O Diário de Drácula”, retoma um fato histórico, o aprisionamento do príncipe Vlad III, da Valáquia, no século XV, para desenvolver uma obra de ficção que trata da descoberta de um misterioso diário que teria sido escrito por ele na prisão.

Esse suposto diário, escrito sob a forma de fragmentos de texto, mistura fatos históricos, lendas e mitos do povo valaco com as considerações de Vlad III sobre seu destino e o ato de escrever.

Na verdade, trata-se de uma obra na qual a escrita é o tema principal; trata da função da escrita como invenção, como possibilidade de transmissão de uma verdade a partir do irrecuperável da experiência.

O príncipe Vlad III se encontra na mais absoluta solidão. Ele foi traído por seus melhores amigos e aliados, destituído de seu título e de seus bens

e encarcerado em uma fortaleza na Hungria, numa cela sob o leito do Rio Danúbio. Seu pai e o irmão mais velho foram barbaramente torturados e assassinados pelos conquistadores de seu antigo reino. Seu irmão mais novo tornou-se amante e aliado de Maomé II, seu maior inimigo, e agora luta ao lado dos invasores turcos.

O Papa Pio II, cujo exército ele havia comandado em batalhas vitoriosas contra os turcos, o abandonou por conveniências do jogo político.

Não convinha a nenhuma das partes que ele morresse, mas que permanecesse isolado, que seus atos fossem esquecidos e seu nome apagado.

O Papa faz chegar a ele uma proposta: ele deveria assumir, mais uma vez, o comando de suas tropas em uma nova cruzada contra os turcos, sob a condição de que permanecesse anônimo, que seu nome fosse desconhecido dos comandados.

O dilema que se coloca para ele é: assumir o comando das tropas papais e ganhar a liberdade renunciando à autoria de seus atos ou permanecer isolado na prisão.

Sua saída é pela escrita: ele recusa a oferta do Papa e decide escrever um diário endereçado a um suposto leitor, que no futuro se encarregará de que seu nome e seus atos não desapareçam. Para ele, a verdadeira morte seria o apagamento de seu nome, a destituição da autoria de seus atos, por mais cruéis, violentos e transgressores que eles fossem. Justamente pelo caráter transgressor desses atos, que ignoram as leis da civilização, da família, da moral e das religiões, ele os considera expressões de uma vontade única, que apenas alguém como ele conseguiria sustentar.

Não importa o que lhe aconteça, ele não pode se abster de escrever. Enquanto seu corpo desaparece, ele “toma corpo” na escrita.

O fio da escrita sustenta essa existência peculiar, que não tem compromisso com a verdade factual.

A verdade que está em causa na escrita é a verdade da falta que se escava pelo próprio ato de escrever, o apagamento do gesto, a perda radical da experiência vivida e a possibilidade de invenção.

¹ Este texto foi apresentado na V Jornada de Psicanálise com Crianças de Americana, em maio de 2009.

Para o Vlad III de Marin Mincu, a sustentação do nome próprio não está subordinada a uma exaltação narcísica de busca de celebridade, trata-se de que, pela escrita, ele se reafirme como o autor de seus atos.

O diário é, portanto, assinado pelo Drácula, que remete ao *Dracul*, o Diabo, e também ao Dragão, nome do animal mitológico que teria dado origem a sua linhagem. Seu nome de escritor remete ao pai simbólico, para além de sua linhagem familiar. O filho do Dragão pode abandonar os limites estreitos de seu drama familiar e inscrever-se na história como sujeito de seu destino trágico.

Ele é, antes de tudo, um homem que luta, que tenta escapar ao seu destino, ao que está escrito.

A solidão do Drácula perante seus atos, as dimensões éticas e políticas que sua escrita coloca em cena evocam, com o poder da ficção, algumas questões que tocam a experiência do psicanalista.

O psicanalista também está destituído e solitário em seu ato. No momento de seu gesto, ele não pode se apoiar em referências teóricas, em poderes institucionais ou de classe, relações sociais, herança familiar ou senso moral.

Ele paga seu preço, o preço de sua divisão, o preço de ser, para o analisante, o objeto a ser descartado, *objeto a*.

-Como, então, contar a clínica? Como contar-se a partir desse lugar de objeto?

Podemos dizer que a clínica psicanalítica implica, desde sempre, sua transmissão: pelo analisante, pela supervisão, pela publicação. O caso clínico está no centro da transmissão, mesmo que não esteja escrito como relato.

O caso clínico não é um fato espontâneo, ele é produzido dentro de um dispositivo específico, a clínica psicanalítica, que se sustenta na medida em que um sujeito, por seu desejo singular, se coloca na posição de agenciar o discurso do psicanalista.

Ele se diferencia da narrativa, do acontecimento, do relato objetivo de um

"atendimento", muito menos de um entendimento, pois não se trata de entender e de criar sentido. O caso não se presta tanto ao ensino, trata-se, antes, do que ele pode transmitir.

Aquilo que "faz caso" é o que marca o psicanalista como excesso, angústia, perplexidade, aquilo que causa desvio, erro, fracasso em sua prática. Se não há marca no psicanalista, não há caso e nem escrita possível do caso clínico. A escrita que se transmite como formação do inconsciente só é possível de acontecer quando se manifesta a mancada, a falha, o equívoco.

Vou seguir de perto as elaborações de Gérard Pommier em "Naissance et Renaissance de l'Écriture" para trazer alguma precisão à questão da escrita como "formação do inconsciente".

Para esse autor, a escrita "renasce" a cada vez que uma criança começa a escrever, uma vez que ela repete, individualmente, o processo histórico de invenção da escrita alfabética.

Nesse tipo de escrita, originado da escrita egípcia, a letra deriva da imagem. Antes de escrever, a criança desenha. A criança desenha, compulsivamente, numa tentativa de representar seu corpo. O corpo é aquilo que, desde o estádio do espelho, está perdido para o sujeito. Nós não "somos" nosso corpo, nós "temos" um corpo, que se manifesta sempre com uma medida de estranhamento.

A criança desenha corpos estranhos, deformados, com grandes olhos, sem orelhas, corpo atravessado por objetos indecifráveis, em cenários improváveis. Essa estranheza não se deve a uma falta de conhecimento ou de habilidade técnica, mas ao fato de que ela desenha seu corpo pulsional, ela tenta representar o que seria esse gozo do Outro que marca seu corpo como alheio, que descentra o sujeito desde sempre. O irrepresentável está lá, no coração da representação.

Logo, a criança se depara com algo que ela não consegue desenhar, seu nome próprio. Essa é a primeira palavra que a criança se interessa em escrever. O nome próprio é a presença do irrepresentável, do intraduzível.

Aqui aparece um ato falho: escrevo *intradizível* no lugar do *intraduzível*. Entre o impossível de dizer e o impossível de traduzir, que, no entanto, estão

intra, dentro do que se diz e se traduz, aparece, pela escrita, uma verdade negada, recusada, que só pode ser *inter-dita* ou *entre-dita*.

A verdade é que a escrita como formação do inconsciente só acontece a partir do que foi recalcado, recusado, pelo que adquiriu um estatuto de tabu: o assassinato do pai primordial. O nome desse pai assassinado é o impronunciável, o incognoscível.

A criança recebe um nome como marca do desejo do Outro colocado sobre ela. Na passagem à escrita trata-se de não apenas receber um nome, mas de um ato, tomar para si seu nome, tomá-lo ao pai, reativando a marca do assassinato primordial.

Esse fio, o assassinato do pai, liga a invenção da escrita alfabética e o advento da primeira religião monoteísta no antigo Egito. A invenção da escrita, particularmente a invenção das consoantes, só foi possível, na história da humanidade, a partir do assassinato do pai por um jovem faraó e o posterior apagamento do nome do pai, bem como dos nomes dos deuses do panteão solar que se referiam a ele.

Pommier parte de um fato histórico para sustentar sua hipótese. Há evidências históricas de que o faraó Akhenaton teria assassinado seu pai, Amenófis IV e mandado apagar os hieróglifos que se referiam a ele nas tabuletas. Ele teria ainda se casado e gerado uma descendência com a própria mãe. O que nos interessa é que houve, no nascimento da escrita como a conhecemos, não apenas um assassinato do pai, mas um apagamento das referências a ele.

O reinado de Akhenaton teria sido muito curto segundo alguns estudiosos, e ele próprio teria sido banido do panteão dos faraós pela autoria desse assassinato. Trata-se, portanto, de um duplo apagamento: assassinato do pai, apagamento das referências paternas e apagamento do próprio ato do sujeito.

Para a criança que atravessa o Complexo de Édipo não será diferente. Os significantes que marcaram seu corpo como objeto do gozo do Outro serão recalcados, fundando uma dimensão simbólica de recalque e retorno do recalcado, onde o sujeito advirá, pela função paterna, como metáfora do Desejo da Mãe.

Haverá um resto dessa operação de recalçamento, um umbigo nunca simbolizado, a letra em instância, marca que pode ser reativada pela escrita. A letra será o resto dessa operação em que a criança dessexualiza sua relação às figuras parentais, fazendo barreira ao gozo do Outro. Ela permanece como marca do desvio dos trajetos pulsionais que, até então, a ligavam e alienavam a uma imagem corporal definitivamente perdida, mas que fará retorno insistentemente em sua escrita.

Cito Pommier:

“Se a representação do corpo atravessa o espaço do recalçamento para ressurgir sob a forma de letras, não seriam estas últimas a única prova dessa travessia, e mais ainda, um testemunho da existência desse corpo? Elas formarão o resto de um recalçamento que incidirá sobre a significação fálica da aparência. Além disso, se nós podemos escrever, nós o fazemos ativamente, enquanto somos passivos na relação à nossa imagem que ficará sempre fora de nós, à mercê dos espelhos, do amor e do semelhante. A escrita acrescenta um ato ao recalçamento, que o revela em retorno. Nesse sentido particular, os grafismos podem ser considerados “sagrados” porque a escrita testemunha esse drama que se produziu, esse espaço opaco do recalçamento que o corpo atravessa antes de se aproximar da ponta da caneta e juntar-se à humanidade. Essas letras são parte do corpo como tal que se perdeu, e elas formam seu traço mais enigmático.”(Pommier, p.102, tradução da autora)

A escrita está, portanto, em instância no inconsciente desde antes que uma criança adquira as habilidades técnicas para escrever segundo as convenções de sua língua. Essa abordagem abre uma perspectiva muito interessante para se pensar os casos das dificuldades na aquisição da escrita, das crianças muito agitadas, ansiosas, que não se alfabetizam porque não conseguem fazer uma barreira ao gozo do Outro materno que incide sobre seu corpo.

A escrita será sempre sintomática: todos nós fomos disléxicos em algum momento, pois, para escrever, dependemos da elaboração dessa perda da imagem e seus desdobramentos. Diante da página em branco ou da tela do computador, estamos todos jogados, nem que seja por alguns momentos, no desamparo e na angústia mais primitiva. Escrever é sempre re-encontrar essa perda, perda da imagem, perda das referências, e apostar na invenção

de um outro laço que possa nos relançar numa relação ao outro que nos devolva nossa humanidade.

A escrita do caso clínico não é diferente: ela testemunha a perda de um corpo, do corpo do caso, do corpo de saber, do corpo da doutrina. O sujeito se coloca ali em jogo a partir da falta.

A escrita como ato que testemunha esse apagamento da operação fundadora do sujeito tem um caráter “sagrado”. Não por acaso, a escrita em civilizações mais antigas sempre foi cercada por tabus e proibições, reservada a alguns poucos autorizados a escrever. Por exemplo, no Egito antigo, a função da escrita estava reservada aos escribas, sacerdotes do faraó que detinham esse privilégio. As letras podiam ser consideradas perigosas, portadoras de espíritos malignos.

Não vamos tomar esse exemplo com sinal de insuficiência de um pensamento primitivo, pois há situações de dificuldades na aquisição da escrita em que a grafia de algumas letras ou palavras é muito problemática, enquanto as outras se escrevem sem problemas.

O ato de escrever tem, intrinsecamente, um caráter transgressor; para escrever o sujeito precisa dessacralizar o que foi separado da esfera das trocas humanas pelo recalçamento.

Para Giorgio Agamben, em “O Elogio da Profanação”, o sagrado é aquilo que foi separado de seu uso comum e consagrado aos deuses.

A essência da religião seria a separação e em toda separação haveria um fundo religioso.

Assim: *“Religio não é o que une homens e deuses, mas aquilo que cuida para que se mantenham separados (Agamben, p.66).”*

Profanar significa devolver ao uso comum o que foi retirado da esfera do uso e da propriedade humana para ser consagrado aos deuses. A devolução ao uso comum não é uma restituição, pois aquilo que foi consagrado retorna ao uso comum com outra função. O exemplo mais evidente de profanação é a brincadeira infantil, que se vale de objetos destituídos de seu uso religioso para torna-los objetos compartilhados.

Nesse sentido, o sagrado das religiões, poderia ser suposto, para o psicanalista, no inconsciente freudiano em sua operação de ciframento do gozo do Outro. A cifra se revela, por exemplo, pela escrita dos sonhos, onde uma imagem pode ser lida a partir de suas relações com outras imagens, por seu valor sonoro, não mais como a imagem da coisa em si. No sonho, a imagem de uma casa pode ser parte da palavra casamento, não ter nada a ver com o objeto em si. Essa imagem pode ser decifrada por seu valor de som.

Se o inconsciente cifra e separa imagem e palavra, portanto sacraliza; o ato de escrever e devolver isso que foi cifrado a um uso comum, adquire uma dimensão ética para o psicanalista.

A escrita do caso clínico pode ser uma via de separação entre a prática psicanalítica e um rito religioso.

A presença do caso clínico atravessa a escrita do psicanalista e testemunha de uma posição em que este não pode renunciar à autoria de seu ato, nem apagar seus efeitos.

Recentemente, encerramos um ciclo de dois anos no curso de “Fundamentos da Psicanálise”, que trouxe como tema central a apresentação das chamadas “cinco psicanálises”, os principais casos clínicos de Freud.

Relançar o curso de fundamentos pelos casos clínicos de Freud foi uma tomada de posição que privilegiou um retorno à letra do texto de Freud, para demarcar não apenas o saber recém-descoberto que este se empenhava em fazer passar, mas a verdade do desejo que estava em jogo na transmissão.

Esse desejo se escreve, ele é a escrita de Freud. Ele está nas diferentes vozes narrativas que assume no texto, nas hesitações, nas lacunas, na insistência com que ele busca garantir a existência de sua invenção.

Não se trata de imitar Freud, mas de, como ele, “fazer caso” daquilo que se escuta.

Escrever um caso clínico é renovar a aposta em um leitor capaz de passar adiante, de se deixar guiar pelo *rastro pulsante da palavra escrita* para, mais uma vez, passar adiante o que não cessa de não se escrever.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, G.(2005). “Profanações”. Tradução de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MINCU, M. (2004). “O Diário de Drácula”. Tradução de Talita Tibola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

POMMIER, G. “Naissance et renaissance de l’écriture”. Presses Universitaires de France. Paris: 1993.